



# KRÔNICAS DA TERRA MEA

Direitos de Cópia  
para  
Cecília Bacci & Guilherme Giordano  
[ceciliabaccibscm@yahoo.com.br](mailto:ceciliabaccibscm@yahoo.com.br)  
[menuraiz@hotmail.com](mailto:menuraiz@hotmail.com)

**EDITORA ALTERNATIVAMENTE**  
[produtoresindependentes@yahoo.com.br](mailto:produtoresindependentes@yahoo.com.br)  
TIRAGEM 15000 POR E-MAIL

DOWNLOAD EXCLUSIVO  
<http://www.paginadeideias.com.br>  
Coleção BROCHURA / PDF / ESPIRAL

Capa  
COELHO DE MORAES  
Sobre quadro de Lacey  
[coelhomoraes@terra.com.br](mailto:coelhomoraes@terra.com.br)

Cidade de Mococa  
Julho  
São Paulo  
2010

## A BURRARTE DE NÃO SABER VOTAR

---

Matéria para se observar friamente na época das eleições. Tudo é um show, um espetáculo, às vezes pirotécnico, às vezes de auto-indulgência, às vezes de sobra de dinheiro e muitas vezes de burrice e vaidade. Uma gorda vaidade. Uma opulenta vaidade, daquelas que andam por aí pedindo voto, mesmo os que já foram dados para um companheiro, por exemplo, no estilo: “Ele já está eleito, então vota pra mim!”. Roubo de voto na cara maior. Cuidado com isso!

Mas a culpa é do burraldo que não sabe votar. E será muito burro se quiser trocar voto por tijolo (*Vende-se alma por tijolos e se vende o futuro também*), ou, se quiser trocar voto por metade de cédula (*O resto vem depois*), ou ainda, se trocar voto por tapinha nas costas e fotografia ao lado do ser influente (*Sou amigo do rei, Estou nu tanto quanto. Nada sou além de papagaio de pirata*).

Mas, o futuro é hoje.

E a burrice tem que ser mínima. É necessário ficar atento àquele que chora pedindo seu voto. Àquele que vem gastando mais do que vai ganhar, se eleito. Àquele que não sabe nem ler e nem escrever.

Audacioso é o analfabeto que quer se tornar legislador. O contra/senso do que se quer como democracia.

Tal, audaz ocioso, é por certo um antidemocrata pois se pretende, inepto, ocupar cadeira de legislador.

O vendedor de votos, de certo modo, repete uma prática comum nas nossas cidades. A prática da quermesse e de leilões. Vende-se tudo por pouca coisa. Coisas caras, por serem doadas, serão vendidas pelo preço da banana. Mas voto tem outra linhagem. Ele banca e desbanca príncipes. Torna importante sonâmbulos e transforma a cidade em lixão, se o leitor quiser. Por isso o cuidado constante.

Quando o ignaro eleitor se deixa levar pela vontade do candidato, ele se dá o rótulo de imbecil e paga caro por isso.

Quando se vota pensando no empreguinho que terá na prefeitura, garante-se que a cidade não ultrapassou os umbrais do século XXI. Quiçá do XX.

Quando o voto elege meia dúzia de apedeutas, significa que a cidade não quer ser levada a sério, mesmo.

Vamos esquecer de Mãozinhas, de Pomares, de Floralvas, de Luíses Joseanos... deixa essa gente para lá. Nunca escolha candidato coligado a grupos que destruíram a cidade um dia. Pesquise bem. É preciso estudar cada pessoa e cada atitude política. Seja duro! Seja coerente com sua proposta de ação política. De outra forma o eleitor poderá votar no seu vizinho corrupto e se tornar tão corrupto quanto ele e tomar no traseiro. Hoje é necessário que se faça outro tipo de avaliação. Tirar todo mundo que está no legislativo, por exemplo, e depositar o voto em noviças mentes, frescas e tranquilas gentes empreendedoras, bons pensadores, cabeças que projetem o futuro real. Ou o futuro que e quer real. O eleitor esperto deve olhar para as mais recentes eleições e ver quem perdeu. O eleitor não votará nessas pessoas, pois tais estão rotulados de perdedores, e é necessário, pelo bem da sociedade, que tais perdedores purguem seus erros e a clara falta de carisma. Reciclem-se.

Recentemente tivemos eleições em instituições variadas na cidade. Sindicatos, por exemplo. Cuidado, eleitor! O resultado de tais eleições são a marca e exemplo definitivo

do que você deve fazer para o período. É o período em que novos poderes se estabelecem e, uma vez que a Esperança não explicou direito o que queria dizer com ser Esperança, pode-se votar em qualquer um.  
Em suma. Vote em você. Na sua cidade. Esqueça as falsas estrelas e os aliados do demo.  
Ponto, saudações.

## A PROPRIEDADE COMO UM ROUBO

---

Fácil de entender e de aceitar.

A selva imperava e, na selva, indígenas, silvícolas, tribos variadas com linguagens variadas, viviam e usufruíam da terra e das águas e de tudo que dali brotava. Segundo Deus, isso era bom. Deixa com está. Fica assim e não se fala mais nisso.

Qualquer coisa diferente disso será pecado.

A citação parece bíblica, mas está aí um livro – a Bíblia - que todos repetem mas não seguem. Serve apenas como ilustração e bibliografia. Ou para captar o suor das axilas.

Havia gente na terra. Auriverdes campos, ondas aniladas e tronitroantes vagas batiam nas areias douradas e Iracema jazia deitada numa boa, chupando manga e assim ia...

Como se vê, pelo modo de vida indígena, não havia dono da terra, pelo menos no sentido da propriedade privada, passada em cartório com selinhos e carimbos... diga-se que selinhos e carimbos são coisas de brancos europeus. O índio usufruía da coisa e só. Acabou a mandioca dali, passa para outro lugar, planta ou pesca mais, nômades, caminheiros brasílicos, sem-terra, vivendo na terra.

Ora, um dia aportaram naus. As naus trouxeram homens e vírus. Das naus saíram leis e os marinheiros ficaram por aqui, passando a escravizar e a domar feras. E a domar gentes. Ninguém pediu. Parece que Deus olhou de lado e deixou rolar. Deus é assim, meio cego. Talvez um ciclope. O europeu tomou o que quis, afinal chegava com pólvora e canhões e armamento pesado.

Tomou a terra. Violentou a "lei natural", digamos assim, – coisa de civilizado. Roubou a terra, a bem dizer. Impôs limites. Cercas. Donos e proprietários com papéis timbrados em Espanha e Portugal, em nome do Rei este ou aquele, – católicos e venturosos – apareceram do nada, donos, qualquer um podia ser o dono, bastava ter chegado em primeiro lugar e carregando bacamartes. Aquela brincadeira de criança: "Quem chegou primeiro? Então é meu!" – mas o aborígene já estava por aqui, portanto isso aqui é dele.

Quem era o proprietário, então, para se usar termos civilizados?

As terras foram tomadas. As desculpas eram cana-de-açúcar, café, pau-brasil, minerais e pedras, e as riquezas passaram por saque, roubo, pilhagem. Os ladrões e assaltantes passaram por aqui. Eram portugueses, holandeses, franceses, todos liderados pela elite desses reinos. A elite é sempre a instituição ladra-mor, percebe?

A elite religiosa, a elite política, a elite governante, os filhos d'algo.

Todo o mundo achou aquilo muito normal. A prensa de Guttemberg se limitava a multiplicar Bíblias.

Reis Católicos e Reis Protestantes. Saquear, pilhar e manietar os índios. Se forem vagabundos, – assim foram rotulados – que se benza as naus que levam o negro para a terra saqueada. Saíam 1000 de África e chegavam 500 na Terra Saqueada Brasílis – a elite dizia que a terra progredia com as sesmarias e plantations. Em nome do Pai...

Hoje os MST, – Movimento dos Sem Terra faz o que os mesmos donos um dia fizeram. Retomam a terra roubada um dia. E é claro, todos os produtos que dela brotaram e fizeram riquezas de outros. É claro que o MST se faz de herói enquanto não atinge o poder em definitivo, depois, fará o mesmo, assim conta a história.

Do que reclamam, então? Não entendo. As elites donas de terra reclamam sabendo que o MST faz aquilo que elas fizeram no passado – 500 anos atrás? Em nome do Filho...

O MST, – historicamente fundamentado – segue a regra imposta pelos que aqui chegaram no passado. Terra parada, ninguém à vista, deve ser ocupada, independente de quem reclama.

Terra à vista, gritou o nauta! Pega... é nossa!

As elites dizem que é roubo! Em nome do Espírito Santo...

Elites, olhem para o rabo! Olhem a cauda que se perde nas nuvens do tempo. Vocês, principalmente os herdeiros, têm o rabo preso nas voragens do sertão e dos mares. Reclamam de que?

Como nasceu Mococa? Parada de tropeiros. Casa de pequeno esteio. Bandeirantes terão passado por aqui em busca de índios para escravizar? Esses bandeirantes deveriam ser presos. Gente ruim. E seus herdeiros atuais deveriam pagar indenização: por ocuparem nossos livros de história com uma falsa fama de heróis; por escravizarem índios, por maltratarem negros, por destruírem quilombos a preço de ouro, mercenários de um governo réprobo... uma canalha, enfim.

Tropeiros chegaram e se abancaram nessas terras.

Sob a benção da cruz, – símbolo que serve para qualquer coisa, - ergueram capelinha. Se os tropeiros ocuparam terras que eram “antigas” terras da família, recaem nos argumentos acima. Se os tropeiros tomaram as terras porque estavam vazias, – se essa for a desculpa, - não passam de mais um bando de sem-terras... BST... seriam ladrões?. Seus herdeiros são o que?

Aí ergueram capelinha... a cruz... e tal...

A propriedade como roubo. Está aí... a elite garante que é...

Quem é a elite? Os latifundiários... os donos de fazenda que não funcionam... sitiantes decadentes e incompetentes da atualidade... na sua cidade com certeza tem um... sempre tem um... eles usam chifres.

Os aventureiros que invadiram o oeste americano são tomados como vaqueiros, caubóis, heróis. Mataram índios e exterminaram 60 milhões de bisões, – só para passar o tempo, - mas faziam parte do MST lá deles. E olha que muita gente era irlandesa... de outras paragens.

No Brasil, – em Mococa, vamos lá, – os aventureiros tomaram conta da terra e não exterminaram bisões. Exterminaram índios. Havia 5 milhões hoje não tem 500 mil, e só servem para contar história e fazer cocar ou dançar o Torém, vestidos de T-short e T-shirt, com um par de sandálias havaianas pisando em T-shit.

Se o MST, com seu braço crescente, invadissem uma meia dúzia de fazendas improdutivas da região estariam cometendo roubo? Será? Eu me questiono.

Segundo nossos avós, seguiriam apenas o exemplo daqueles tempos frescos e aventurecos. Deveriam ganhar páginas e páginas nas folhas dos livros de história. Estátuas e bustos, talvez.

Repartir, eis a palavra bíblica. Só pode repartir quem tem...

Quem não entende a palavra bíblica tem que ser educado na prática? E se o padre ou o pastor for o latifundiário? A palavra bíblica continua valendo?

Quando repartiram entre os camponeses os palácios do Czar todo mundo achou um absurdo.

Saiba que cada quarto, de um daqueles palácios, era maior que nossas casas. Eram palácios com dezenas de quartos. E foram ocupados por dezenas de famílias.

Apenas formalidade. Uma troca de proprietários.

A propriedade se manteve.

## CARTA AO POLÍTICO PROFISSIONAL

Ano de 1999.

Recebi sua carta, o que muito me honrou.

Por certo que esse diálogo deveria acontecer a mais tempo. Mas, queira o senhor ou não queira, nossos caminhos são opostos.

No entanto desejo agradecer o empenho no caso da minha “exoneração”, - na verdade uma rescisão de contrato de prestação de serviços, pois quando se exonera um, logo entra outro; coisa que não ocorreu. Por outro lado eu não tinha vínculo algum com a prefeitura. A “exoneração” correu por conta de uma mídia mal informada.

Mas há outros pontos.

Aí sim, de natureza política no sentido da ciência política e não no da “política” de vizinhanças ou de favorecimentos.

Com a minha vinda – e a entrada de novas pessoas - o Partido dos Trabalhadores, obteve a oportunidade de reabrir o Diretório Municipal. O que é bom para a política e foi bom para Mococa.

É claro que dentro do Partido há condutas variadas e métodos que queremos praticar para o bem da cidadania. Alguns de seus filiados nem tanto. O Partido não é apenas um trampolim para algo maior, mas serve também como tribuna e exercício dessa cidadania.

Por enquanto.

É inegável que o senhor tem feito requerimentos e encaminhado ao Executivo muitos deles. Inegável. Porém, sabemos que essa mesma Casa votou um dispositivo em que estavam bem claras as regras para se pedir o impedimento (impeachment) do Chefe do Executivo e ela mesma não o fez. A Câmara ardente é covarde, pois não.

Isso também faz parte das tarefas de um legislador, de um vereador, já que o Vereador tem em mãos muita informação e pesquisa. Ou deve ter.

Quando a coisa não anda bem o vereador toma da responsabilidade e afasta quem atrapalha os rumos da Cidade e, é inegável também, a nossa Cidade está desgastada, parada, estagnada no tempo e no espaço, por improbidade administrativa e falta de transparência dessa Administração. Só que já faz tempo. 4 anos de marasmo e permissão do Legislativo.

A Câmara dos Vereadores se cala. Repito. A Câmara é covarde.

O Senhor sugere que eu participe mais das sessões da Câmara.

É coisa a ser aceita. Mas, o que já vi me faz pasmar e pensar. Sem contar que há Vereadores que dormem sobre a mesa. Pra que ver isso toda a semana? No entanto, as leis estão aí. O Poder Executivo tem um prazo para dar suas respostas e explicações aos requerimentos, contudo tem vereador na Casa que esperou três anos por respostas e nada fez a não ser resmungar. Por que? Lerdo.

Por que razão tivemos um Vereador tornado em Diretor da Usina de Lixo, sabendo todos, – os vereadores inclusive, - que aquilo não funcionava? O que é que ele tinha para dirigir? E, se ele não estava lá para dirigir a Usina de Lixo, mas todo o complexo de Lixo (**incluindo a coleta ou não?**), por que ele não tomou as providências no caso das pesagens? Estranhamente alteradas..., ou daquele lixo imundo escancarado a céu aberto, ou sobre as pessoas que ali viviam em função do lixo, com a criação de pequena favela vizinha, que acabou gerando o documento que o PT enviou ao

representante do Ministério Público de Mococa para que se buscasse o responsável óbvio que é o prefeito. Não é preciso ir muito longe.

E isso somente sobre o Lixo.

Há ainda dados importantes sobre o Hospital da Mulher.

Caro Vereador Aparecido Espanha:

A função do Legislador eu sei qual é. O Senhor mesmo ensinou: Elaborar Leis, Fiscalizar os atos do Prefeito, Reivindicar as prioridades do Povo, mas há mais. **“Quando o Poder Executivo não trabalha para o povo – para a pólis, ou seja, não faz política da boa – o Vereador deve afastá-lo, mobilizando as suas bases.”** Para isso há leis. E, no impedimento do Chefe do Executivo assumirá o Vice. Não havendo Vice assumirá o Presidente da Câmara e é aí que a coisa começa a pegar, pois nenhum dos honrados Vereadores quer assumir os últimos meses de mandato e, por isso, deixaram a coisa rolar... e Mococa ruir.

É assim que se trabalha por Mococa?

No que se refere à rescisão do meu contrato junto à Prefeitura sabe-se que era um contrato de prestação de serviços que finalizaria em Maio do ano de 99. No contrato não consta que eu devesse ir a bairros ou à população carente.

Aliás, a população é carente porque os políticos exploram as pessoas e em vez de ensinarem o sujeito a pescar, preferem dar o peixe de bandeja. Troca o peixe por cesta-básica ou esmola e é o que os partidos de Direita fazem. Para se manterem no poder querem sempre que haja carentes.

No contrato fala-se de reger o Coro Municipal, montar a Bandinha Nene Lippi e produzir um musical que o Maestro Ângelo Camin havia feito em homenagem a Mococa em 1897. Somente isso. Nada mais do que um contrato para esses serviços. Acontece que os velhos, alquebrados e antiquados politiqueiros queriam usufruir desse trabalho como autores da obra e, cá entre nós, como é que eu poderia permitir?

E devo dizer, Senhor Vereador que o valor era maior do que aquele de R\$ 843,00. Houve uma diminuição do valor – com o qual concordei – pois a Prefeitura realmente dizia passar por maus momentos e eu não queria ver o meu trabalho parar sem mais nem menos. Aceitei um aditamento proposto pelo Di Taliberti, na época, e mantivemos o trabalho funcionando com algumas alterações, é claro.

Na mesma época, a Matiza Rigobelo Lima, coordenadora dos Museus, também teve seu contrato rescindido e, sabemos todos, foi ela e seu projeto que conseguiram da Secretaria de Estado da Cultura verba para reforma do Museu de Artes Plásticas. Como prêmio rescindiram seu contrato.

É assim que funciona?

Mas, agora... nas últimas semanas os senhores Vereadores votaram vários cargos e funções... Como, se não há dinheiro?

Os senhores votaram a favor de um Maestro de Banda, mas a Prefeitura não tem Banda (é bom lembrar que a Filarmônica não é da Prefeitura)... tem dinheiro para isso? Onde? Quem planejou isso?

E sobre a Associação Folclórica? Que negócio é esse de abrir uma verba de R\$ 5 000, 00 reais favorecendo uma Associação que não existe e nem se sabe o que ela faz?

E outros grupos, como o grupo Início, que funcionam com funcionário pago pelo Imposto municipal? Nada disso é motivo para que os senhores Vereadores se manifestem?

Nada disso eu vi nas cópias dos atos que o senhor vereador mandou para mim.

É claro, também, que os senhores desconhecem a existência de colegas com duplo cargo recebendo pelos dois cargos.

É claro que os senhores desconhecem a existência de pessoa com vários cargos e salários no mesmo poder público. É claro, que desconhecem.

O que havia - e os senhores nem tomaram conhecimento - é que a Escola Municipal de Música "Euclides Motta", não teve continuidade. Ela recebia a todos os interessados com cursos gratuitos e abertos a toda a população.

Então eu pergunto: A população carente não estava, aí, servida, partindo-se do princípio que Música e Teatro também são carreiras respeitáveis e que de lá saíam músicos ou atores, profissionais possíveis?

Quem acabou com a Escola não fui eu. Foi o Poder Executivo.

Como dizer que a Prefeitura não tem dinheiro se eles têm assessores especialmente contratados para conseguir dinheiro?

E a TV Direta, os Jornais e a Rádio mostram como os grupos que dirijo têm acesso às escolas e bairros. Basta conferir com eles.

Agradeço pelo fato do senhor acreditar na minha competência.

Na minha opinião, a Câmara dos Vereadores de Mococa teve tudo, inclusive os nossos votos, **para nos representar e fazer valer os nosso direitos.**

Observando os desmandos do Poder Executivo perderam o bonde da história e não impuseram o poder do povo para afastar o Chefe do Poder Executivo.

Ou seja, não representaram os interesses dos cidadãos de Mococa.

Agora...

Caro Vereador Aparecido Espanha.

Collor de Mello, quando foi eleito, teve apoio de dois partidos. O PRN (que era o dele) e do PFL. Partidos de Direita. E quando dizemos Direita dizemos "exploradores do povo". O Senhor também está nessa situação. Apoiado pelo PFL (não interessa quão bondosos sejam seus partidários) o partido apoia FHC e as oligarquias e as aristocracias. Isso é inegável.

Se um PPS se liga a um PFL é claro que há interesses estranhos nesse negócio.

Saiu no jornal que seus cargos estão divididos e tomados. Só falta declararem que não há mais necessidade de eleições.

O PT – Partido dos Trabalhadores, não pode se arvorar dono de Verdades.

"Incluir a Mulher, o Negro, o Índio, o Deficiente Físico, defender aqueles que têm orientação sexual diferente, defender aquele que quer se manifestar", são algumas bandeiras do PT.

Hoje, em Mococa, nem os Partidos que se rotulam de esquerda poderão se aliar ao PT pois seus componentes são direitistas e reacionários. Sem o mínimo de criatividade e posicionamento ideológico.

Infelizmente, caso o senhor venha a se eleger, deve ter claro em mente que o foi com apoio da Direita, desvinculado de qualquer laço com os anseios do povo.

Se aceitar um conselho, uma dica, uma oportunidade de continuar independente, afaste-se deles todos, pois poderão tornar a sua vida um tanto quanto insuportável, pois eles vêm no Senhor uma quantidade de votos, apenas. Não o vêm como ser humano.

Quando o PT subir no conceito e interesse das pessoas, esses homens da Direita darão o fora, deixando o senhor vereador na mão.

Afinal, a coisa ainda nem começou!

A despeito de tudo ficam meus respeitos e espero a oportunidade de mais uma vez podermos dialogar, mesmo que por carta, para esclarecer qualquer pendência.  
Deixo votos de sucesso, vida longa e prosperidade

## CULTURA POLUI?

---

A prática de ignorar ou fingir-se de morto é mato seco em Mococa.

Quantos pobres ignaros desconhecem que um artista criador deve ser pago pelo alto valor de suas horas de trabalho? Principalmente, as de ócio criativo? Um artista à disposição já deve ser pago. A presença do artista já faz a diferença.

Há os que não ignoram isso e fazem todo o esforço para que a sua cidade tenha cultura real, em tempo real. Cultura Crônica e Contemporânea. Há os que se fingem de artistas por falta de melhor opção.

Mas, eis os fatos.

Em 96 foi posta em prática no governo Naufel (Vera Sandoval e Paladini), a Escola Municipal de Música, -legal desde 82. Depois, destruída pelo governante seguinte. O do Xavier, algoz da cultura. Crédito a quem merece.

Em 97 fundou-se a Escola Municipal de Artes Dramáticas e Musicais de Arceburgo, Minas Gerais. Com essa Escola surgiram os Coros Adulto e Infante-Juvenil e, surgiu, o GRADA, Grupo de Arte Dramática de Arceburgo, premiado cinco vezes em Varginha, em Festival de Teatro. Essas duas escolas foram desativadas por questões da política local. Crédito a quem merece. O GRADA permanece.

O Coro da Cidade de Mococa existe desde 8, – gestão Lu Amato – e completa, em 2002, os seus 21 anos de idade. Tornou-se Associação em 1999. Em Outubro de 97 surgia, também, o grupo de Teatro que veio a ser o TPM – Teatro Popular de Mococa “Rogério Cardoso”; no mesmo ano, a Indústria do Vídeo, – versados na produção de curtas e médias metragens para escoar, pela internet e festivais e mostras do planeta, o que se produz em Mococa. Esses grupos artísticos vivem de seus próprio recursos. Entre 97 e 98 o Quarteto Mokoka, saiu em turnê brasileira, sendo primeira página em vários jornais de estados visitados, – do Arroio ao Chuí, digamos assim. Em 2000 montou-se **500, Um musical**, com apoiadores vários: pequenos empresários. No entanto, em 2001, graças ao apoio da SARGEL, O GRADA revitalizou-se e produziu duas peças teatrais: COMPUTA, COMPUTADOR, COMPUTA (do Millôr Fernandez), e O TARADO (de Woody Allen), que estrearam no Oscar Villares; O TARADO ainda participou da SUM – Semana Universitária Mocoquense, em julho e foi ao festival de BH em setembro. Graças a esse apoio ainda se produziu o CD Natal na Capela Maria Imaculada. Esse apoio se deu a um projeto do GRADA datado de 1997, sobre projeto KINDER-SARGEL. Parabéns a todos! E ainda há reizinhos que falam mal.

Quanto custa montar uma peça? E duas peças? E produzir CDs? E produzir composições, arranjos, horas e horas de ensaios, e, por fim gravar CDs? E quanto custa copiar os CDs gravados? E a capa do CD? Nada custa? E que falar do equipamento para tudo isso? Virão eles diretoS do céu?

O dinheiro cultural é para ser gasto nessas coisas e para se pagar os profissionais que dirigem esses grupos. Deu para entender, agora?

Além disso: E os figurinos? E os cenários? E a iluminação? E os CDs? Gravam-se, os CDs, por si sós? E as centenas de cópias xerox de peças? E a maquiagem? E os jornais, os ingressos, incluindo diagramação, fotografia e arte? E o transporte: Como se leva 40 pessoas para Belo Horizonte? Como se faz para 40 alunos-atores terem cópia do texto? Como se produz u’a Mostra de Vídeo sem comprar fita magnética, ou sem máquina de

filmar, ou sem iluminação, ou sem locação ou sem ensaios, sem televisão? E o teatro de Rua? E o Coro cantando nas Igrejas? Tudo é sem custo?

Na verdade, esses grupos vivem com o problema crônico da falta de sede. Vivem com o problema da falta de transporte. Vivem com o problema da falta de mídia. Mas, eu sei, isso é problema nosso. Sempre foi.

O fato é que se qualquer um dos componentes-artistas desses grupos deixasse de cantar ou atuar, tudo já estaria acabado. O que há, nessas áreas, é iniciativa deles, dando-lhes corpo e energia. Essas manifestações da cultura são necessárias e obrigatórias. Mas esses artistas não ficam atrás da mídia, nem atrás de plaquinhas e diplomas de beneméritos. Esse pessoal vai atrás é de se plantar um canal de discussão da cultura, ou do estabelecimento da Indústria de Cultura, ou da sua propaganda. E, é claro, da profissão. Quando aparecem na mídia aparecem sozinhos, sem papagaio de pirata pegando carona na foto. O artista tem luz própria. Acho que é isso o que enfurece certos beneméritos. Não querem ser patrocinadores só porque as bolsas de estudo financiam o profissional que dará aula para 40 jovens estudantes. O que querem é aparecer na foto!

No ano de 2001, Braz Machado gravou o longa "Amor, poder que transforma" de forte apelo didático contra as drogas. Sem apoio algum, a não ser dos jovens e determinados artistas que mantiveram a chama acesa. Cadê o apoiador cultural? Quem ver o filme, que está em algumas locadoras de Mococa, lerá o crédito dos apoiadores na tela. São os pequenos empresários e gente da comunidade. O apoiador cultural ganha o crédito estampado na capa do livro, na capa do CD, na abertura do filme ou do vídeo... na capa do jornal...

Nesse ano de 2002 em vias de trabalho, o Grupo de Teatro do Colégio Maria Imaculada, grande apoio do Colégio (grupos de Teatro com interesse nas montagens infanto-juvenis). Algumas Escolas já receberam a Mostra AUTO DA BARCA DO INFERNO, e receberão cópia da obra gravada em Mococa pelos artistas do TPM. Em Agosto o pessoal da CIPA da Sabesp recebeu o TPM para uma apresentação e, é claro, além do calor amistoso da recepção, forneceram cachê para o grupo, coisa que se transformará em veículo de crescimento do artista (ver peça, oficina e leitura – enfim, a construção e aperfeiçoamento do artista, que não é coisa barata). Para nós tudo é sempre começo.

2003 está aí e preparamos a nossa agenda contando com quem ajuda e com quem atrapalha. O Teatro Municipal estará aberto em 2003? Eu sei que, através de nós, a arte continuará. O mundo está aí mesmo. Bem na nossa frente.

## DOIS PTS, DUAS MEDIDAS

---

Figueiredo disse: Façam um favor, agora, e me esqueçam! (Ao sair do posto de ditador de plantão).

Fernando Henrique disse: Esqueçam tudo o que escrevi! (ao ocupar o posto de presidente eleito).

Lula disse: Nunca fui de esquerda! (durante sua estada no governo).

Partindo desse princípio fica muito claro que os grandes mandam esquecer Estatutos e bandeiras antigas de luta. Esqueça-se de tudo. Esqueça-se da crítica também. Devemos, de roldão, abolir a liberdade de expressão e a liberdade de crítica e, fazer como o PT local faz, transformar-se em poltrão que se acomoda em um casulo.

A obrigação do PT local é defender a posição de alguns parlamentares que agora são punidos por causa do exercício da liberdade de expressão. E vou mais além. Se o estatuto do partido não tem mais valor – a não ser para funções comezinhas como datas e percentuais - por qual razão os parlamentares deverão obedecer o que se decide em seu Diretório?

Não há mais necessidade disso. Cada um pode fazer o que quiser. E se as regras não estão claras, que cada mandatário siga as cartas e normas e posicionamentos do partido já tomadas em reuniões anteriores. Nada mais.

O PT local tem a obrigação de se posicionar e mandar carta de repúdio ao Diretório, colocando-se contra o cercear da liberdade de expressão e de voto de alguns dos parlamentares. Isso seria uma posição coerente. E notem todos, a punição recaiu sobre quem tomou posição e votou contra os 260, mas não caiu em quem se omitiu, deixando de votar. Hoje, pelo visto, premia-se a omissão.

O PT local, omissivo na avaliação das grandes questões nacionais, acata e não tece, medroso, nenhuma posição crítica. Aliás, o fato de não ter um órgão que divulgue suas posições na cidade já esclarece que quanto mais longe de expressar opiniões melhor, evitando confrontos e polêmicas. Escondido e quieto. Agradando a gregos e troianos.

Quando o PT tece alianças que vão contra bandeiras importantes de sua agremiação, vê-se logo onde quer e pode chegar. O diretório local tem obrigação inequívoca de tomar posição. Sugiro que os partidos de aliança e mesmo os adversários forcem essa posição, em debates e questionamentos. O assunto do momento é do salário mínimo. No começo do ano o Diretório Nacional dizia que na campanha 2004 não seriam levantados problemas nacionais, mas sim assuntos do município (pontes, ruas, buracos, escolas); hoje, se fala contrariamente a essa idéia, ou seja, a pauta nacional será mote de campanha. E o salário mínimo entra nessa onda de discussões.

O que não se pode é esquecer. Nada há de se esquecer, pois durante décadas tudo o que foi feito em arte, em pesquisa, em ciência, foi para resgatar o passado – mormente o ditatorial - e não esquecer nunca. Até as novelas ajudam nesse sentido, por incrível que pareça.

O PT local não deve esquecer o seu estatuto. Não deve esquecer seus parlamentares. Não deve esquecer a constituição que está acima de qualquer outro estatuto. Não deve esquecer as liberdades individuais de seus militantes e parlamentares.

Se assim for, o PT local deve ser esquecido por seus eleitores.

## ...E O ARTISTA SERÁ MUITO BEM PAGO

---

A hora-trabalho do artista é uma hora impagável. Nela estão inseridos o ato criativo, o ócio criativo, o ruminar (bovino mesmo) criativo do misturar de idéias, a explosão! a epifania criativa, o cair em si, o mergulho no self em seguida, enfim, tudo isso junto: uma parte dessa ação é do próprio artista; a outra parte será a dos técnicos contratados ou não, será a dos executivos e burocratas e será a dos patrocinadores.

Há o artista e há o burocratas e há patrocinadores.

São três castas muito diferentes.

Em nossa "terra mea paulista e generosa" há a falsa idéia de que o artista é aquele ser que fará tudo aquilo que os gerentes do status quo desejam. Mas não é assim!

O artista não faz sem reclamar. Querem que o artista faça tudo e cobre pouco – se possível, nada cobre. Exemplo: Tem pessoa que quer contratar um palhaço para sua promoções e compara o cachê pedido pelo artista com o que o trabalhador de roça ganha, como que dizendo: " Se eu pago isso pra ele, por que vou pagar mais pra você, que é um serviçal igual". Essa mentalidade exploradora é a mentalidade do colonizador, do explorador, do nazista empedernido. Sem querer desmerecer o trabalho do lavrador e da mulher ou homem do campo, o fato é que a ninharia que ganham nada mais é que o contínuo uso e abuso dos que exploram essa mão de obra barata.

Onde se planta a fome sempre haverá mão de obra barata.

Nazifascistas assim o desejam.

Por isso e por outras é que o artista cobrará o cachê que lhe cabe. Só o artista sabe qual é o cachê que lhe cabe. Se as pessoas não conseguem entender isso, o artista receberá de qualquer maneira para executar seu trabalho, pois o artista é, também, um agente da educação, mesmo que não queira ou mesmo perceba. Outro exemplo: mesmo que a pessoa não goste de canto coral, ela terá que ouvir pois a civilização assim o manda. É o ônus que se paga pata ter inteligência e sensibilidade.

Mais um: Se ela não gosta de teatro, não importa, ou ela ou a sociedade, pagarão, e bem, para se montar peças, pois tudo isso faz parte de um projeto cosmopolita muito mais amplo.

Outro: Se ela não se interessa por obras de literatura ou de vídeo, não faz mal, pois as leis de incentivo financiarão o trabalho do artista para que ele tenha e gaste tempo – muito tempo!- e dinheiro (o que for necessário) para criar, errar, experimentar e executar seu trabalho e ainda pagar as suas contas e ainda buscar o conforto. Muito conforto! E se quiser, desistir do trabalho. Mas Rubem Alves já disse que o fato de se fazer algo já é o trabalho em si. Não há necessidade de que esse trabalho seja útil.

Aliás, cá entre nós, arte é um negócio inútil.

A arte só produz cultura.

O artista, o grande mestre do entretenimento, o educador por tabela, o polemista... empresários, leis e municipalidade servem para manter esse trabalho, já que o público não tem recursos para gastar em entretenimento.

Sem financiamento os artistas ficam obrigados a cobrar 10 ou 20 reais por uma entrada, mas a população não pode pagar isso pois não tem. Com financiamento, com o patrocinador entrando no negócio, o preço da bilheteria pode cair pára 5, talvez 3, facilitando a ida daqueles que têm pouco dinheiro, principalmente estudantes.

É para isso que serve um patrocinador.

Vale lembrar que o poder de compra do público está intimamente ligado à exploração que passamos nesses últimos trinta anos numa clara coligação governoditador-empresariadOBAN-midiemgeral. Então, está na hora de se ressarcir a todos aquilo que deixaram de aplicar, financiando, finalmente, o ócio criativo do artista e seus sucedâneos.

Talvez a origem dessa falta de respeito tenha surgido em épocas de revolução industrial. De acordo com os mais eruditos dicionários, um clown era um palhaço, um bobo ou um campônio. Quando um campônio desses ficava obrigado a migrar para a cidade, em busca de trabalho mal pago, ele se tornava um mendigo mal-ajambrado, roupa rota... uma figura de riso. O palhaço cara-pintada com roupa de gente comum é o clown. Uma figura ridícula. Então, essa coisa de querer formatar um artista da maneira que formataram os camponeses e outros trabalhadores é uma idéia velha, dos grandes exploradores e colonialistas, oligarcas acostumados com a subserviência. Tais pessoas desejam ver tapetes em pelo de gente.

E há tapetes assim.

Sejamos nós palhaços, clowns, artistas, criadores, escritores independentes, músicos, regentes bissexto, o que for, mas, esse trabalho será pago, e muito bem pago. Alguns são aprendizes, outros estarão caminhando por vias claras, tendo como perspectivas o projeto futuro... cada um a seu tempo e seu momento. E nós artistas não atrelados a poder algum continuaremos a construir projetos para desenvolvermos o nosso trabalho e ganharmos o nosso dinheiro.

Investir em cultura não é um favor. É obrigação.

E quando se investe de verdade, não se espera retorno em abatimentos de qualquer espécie. Sim, pois sabemos todos que há investidores que só se tornam santos pois há uma lei que lhes abate do Imposto de Renda o dinheiro dado, se não, não davam não! E Jesus ainda disse: Mais vale o real da viúva que só tinha o real do que as centenas de dinares do rico que tinha milhares para dar.

E Jesus ainda disse: Aí, bicho, até eu!

## LINC DE MOCOCA

---

Enquanto vocês lêem essa matéria um grupo de artistas já terá ido – no dia 12 de agosto, às 16 horas, 2002 - em comissão, ao gabinete do Prefeito Municipal – e agenda previamente marcada - para se conversar sobre o assunto: “Por em prática, imediatamente, a lei”.

Com a aplicação da lei o número de empregos aumentará, tanto para os artistas quanto para as pessoas que auxiliam no trabalho do artista. Exemplo: Um espetáculo de música. Além dos músicos, teremos iluminador, bilheteiro, camareira, diretor de arte, figurinista, costureiros, trabalhos gráficos, carregadores, ou seja, a geração de trabalho é grande e significativa em várias áreas paralelas, incluindo o vendedor de cachorro-quente ou a sorveteria. Agora, imaginem essa multiplicação de trabalhos para literatos, folcloristas, dançarinos, artistas plásticos... teremos uma enxurrada de obras e de serviços, de modo que a comunidade ganhará em muitos sentidos, principalmente nos de turismo e de lazer.

Acredito que a cruzada pela imediata execução da lei é de interesse geral.

A LINC de Mococa abrange as seguintes áreas, apontadas no artigo 2º: Música, Dança, Teatro, Circo, Fotografia, Vídeo, Literatura, Artes Plásticas, Artes Gráficas, Filatelia, Folclore, Artesanato, Acervo, Patrimônio Histórico e Cultural, Museus e Centros de Cultura, além da área do esporte amador.

Vale a pena lembrar que a Lei servirá às obras e trabalhos produzidos por indivíduos e grupos artísticos de origem da comunidade e nunca(!) servirá aos interesses dos departamentos da municipalidade pois eles têm outras fontes para levantar seus recursos, como bem disse um representante da prefeitura quando oferecemos apresentar uma peça de Teatro, – ajuda que não quiseram, - para levantar fundos e ajudar no término do Teatro Municipal de Mococa.

É através de leis como essa que evitaremos infortúnios que beiram o ridículo como o caso do amigo Laudinei Marcolino. Lau, como era conhecido, desenvolvia seu trabalho artístico em trabalhos sobre couro, no entanto era obrigado a abraçar outras profissões para poder sobreviver. Num desses momentos foi trabalhar em Portugal pintando paredes, subindo em andaimes, enquanto sua cabeça de artista maquinava as futuras obras. Um dia despencou e morreu. Morreu longe da família e amigos. Morreu fazendo qualquer coisa que não era a sua arte. Longe de sua cidade. A cidade que tinha a Lei que o manteria vivendo e produzindo na cidade e para o mundo. A irresponsabilidade do governante fez com que perdêssemos a companhia do Lau. Hoje dá para perceber que ele não precisava ter ido para Portugal algum, pois a cidade tinha meios de manter o seu trabalho, já que a Lei é de 97.

Aconteceu com o Lau e há outros artistas lutando em seu tempo vago para manter a sua arte.

# I FORUM REGIONAL DE CULTURA

---

2006, JANEIRO

Em São João da Boa Vista ocorrerá o I FORUM REGIONAL DE CULTURA, captando a atenção de várias cidades.

O Francisco Bezerra, da Papyrus, combatente dos assuntos culturais e constante batalhador, sempre atrás de recursos e possibilidades para implantação de projetos, está encabeçando o acontecimento. Todos estamos contando com a participação de agentes culturais da região, com seus problemas e suas soluções. Os problemas, sabemos, existem, são muitos.

Nenhuma cidade que preze a sua cultura, ou o seu fazer cultural, ou as suas produções e planejamentos pode ficar de fora desse Fórum, a não ser que não se interesse por uma das Indústrias mais expressivas do nosso século. Será muito burro o "agente" que desdenhar aprender e fornecer ensinamentos.

O I FORUM REGIONAL DE CULTURA se dará em São João, no mês de Outubro, e o convite está feito.

A CULTURAL estará presente através de seus agentes. E eu explico que entidade é essa. Desde quarta feira – dia 11 – foi criada em votação a Associação Cultural de Mococa, abrangendo ação específica para as áreas de Artes Musicais, Cênicas, Videográficas, Plásticas e Literárias. A CULTURAL, como é chamada, entidade sem fim lucrativo – o que não quer dizer que as pessoas que nela trabalhem sejam, de todo, voluntárias – tratará de produzir e dar entrada em projetos e planejamentos para desenvolvimento dessas vertentes.

A CULTURAL serve para mostrar com que seriedade determinados artistas entendem a coisa do produzir cultural. Nela estão inseridos o CCM - Coro Cidade de Mococa, o TPM – Teatro Popular de Mococa Rogério Cardoso, a Indústria do Vídeo, a produção de projetos gráficos como cartazes e jornais e panfletos. Dela faz parte, também o GRADA, antiga frente de trabalho teatral de Arceburgo.

Como disseram Glauber Piva e Roberto Lima (dirigentes culturais de Votorantim e Ribeirão Pires) o problema do Brasil ... "das nossas cidades"... é mais a falta de vergonha do que falta de dinheiro. A cultura pauta nossos sonhos e decisões. Cultura é dar sentido à história do povo.

A preocupação que temos de retirar recursos de monopolizadores e usar no fazer cultural é para deixar claro que não só se tem talento e disposição física como a distribuição de renda terá de ser feita, mesmo que a à força.

Acontece, também que, em volta do circo tem muita gente andando – às vezes vociferando - e, que deveria estar dentro do circo, na arena, com sua roupas coloridas e balaios, com seus apitos e pandeiros, com suas danças e pantomimas... esquecendo definitivamente o fato de que cultura não se ganha - e nem se fabrica - se visitando essa ou aquela locadora de vídeos.

Por isso o I FORUM REGIONAL DE CULTURA visa esclarecer e propor. Visa ampliar as cotas culturais e mostrar que há outros caminhos a serem explorados e não com a massa da pizza e do canelone que se fará essa ou aquela movimentação cultural. Nesse último caso será possível construir um evento, não mais. E esse evento só poderá ser alimentício.

Proponho, desde já, como dados ao FORUM, a criação, nas cidades interioranas, de um Departamento ou Coordenação de Eventos. Há promotores que sabem muito bem desenvolver eventos e vitrines para seus empregadores e, pode ser ao mesmo tempo, útil á comunidade. Quem é não quer ver um Guilherme Arantes ou peças vindas da cidade grande? Quem não quer assistir a orquestras e Festas Italianas?

Mas, tudo isso é evento... não tem nada a ver com cultura.

E, por que não apoiar os grupos internos? Mococa sempre foi mestra em expulsar seus talentos e sempre deixou de apoiar efetivamente – perguntem o que é esse efetivamente, É nessa palavra que está a chave do negócio – os seus artistas. Mococa deve aos artistas. Mococa é ingrata com seus artistas. Mococa sempre deu esmolas aos seus artistas. Temos muitos deles, – hoje despirocados, – que andam pelas ruas esmolando. Uma parte é culpa deles. A outra é a do provincianismo, a falta de cultura, a burrice endêmica, a morosidade e da cidade de Mococa.

No entanto sugiro que o desenvolvimento cultural seja entregue a técnicos que planejam, programam e projetam uma ação com perspectiva de longo prazo e que cumpra à risca o propósito de criar platéias, criar uma estética, criar uma sensibilidade para as variadas estéticas dos movimentos artísticos, que fomente o emprego, o trabalho e a educação. Aí mudaremos a cidade.

Sem isso, não há Cultura.

Sem isso não há nada. Só programas de TV propagando o que não foi feito.

Boa Semana!

Votos de sucesso, vida longa e prosperidade.

## INCOERENCIA... INCOMPETENCIA

---

Observando bem notamos que a aliança que o PT de Mococa fez com o PMDB de Mococa foi só para dizer que sabiam brincar dessas coisas de alianças políticas. Isso... sabiam... coisas do passado...

Aliança por aliança e se o PT quisesse ganhar algum bônus nesse pleito, o correto seria aliar-se ao Espanha – que já ganhou. Nesse caso a inteligência seria dupla pois levariam junto o carisma do candidato do PMN.

Pelo visto não haverá bônus, mas, ônus.

Dizer, hoje, que o PSDB é o inimigo íntimo do PT é bobagem. Não é mais. O PFL parece mais determinado em ensaiar essa postura de oposição, mas falta um pouco de talento, ainda. Chegarão lá, com certeza. A política Nacional é Neo-Liberal. As bandeiras desfraldadas, hoje, são comuns a vários partidos. Algumas bandeiras estão esquecidas para que se possa agradar a grandes e poderosos. Não vejo como ser de outra forma. O mandato Lula é um mandato tampão. Mudanças mais radicais só ocorrerão se o povo entender o que isso significa. Como Mococa sempre está atrasada no entendimento das coisas da política, urge fazê-los aprender que asfalta-se um caminho futuro e, seja lá quem presidir a República, no futuro, que perceba que o crescimento agora será constante e definitivo. Até o Estadão, que malha à beça, deixou a peteca cair, dia desses.

O PT de Mococa optou por juntar-se a um grupo político que já deu o que tinha que dar. Parece que o “líder” do PT de Mococa gosta de juntar-se a nomes queimados, provavelmente para não haver nenhum tipo de comparação, caso algum outro nome alçasse vôo próprio. É bacana essa coisa de competir sozinho. O problema é se acontecer de perder de si mesmo.

Incapaz de dirigir sua campanha solo, o PT optou pela coligação. Só há, aí, vantagens para os componentes do grupo coligado que levarão alguns votos de roldão e, de repente, aumentarão a representatividade do grupo coligado contra Cido Espanha. Uma tolice. Acredito que atualmente, se é que há uma maneira de tolher essa arrancada “cidista”, isso só se fará com debates públicos e uns dez anos de instrução da população. De ensino do que é ou do que pode ser a utópica política. Não é coisa para agora. Tolo será quem gastar dinheiro nessa eleição.

Agora, coligar com o grupo que botou a economia mocoquense abaixo de zero, que tinha uma pessoa do altíssimo escalão dizendo ter apenas a quarta série e mandar em tudo, que destruiu a usina de reciclagem de lixo, que fez ouvidos de mercador e olhos cegos para o asfalto dos bairros nossos de cada dia, que não coibiu malversações de assuntos sobre o Hospital da Mulher, que destruiu a Escola Municipal de Música, que impediu a continuação do projeto educacional da Vera Sandoval, que permitiu a deterioração do Teatro Municipal de Mococa, que proporcionou umas tantadas de vezes de luz cortada dos próprios municipais, que deixou jardins em estado de degradação, que permitiu outra tantada de água cortada, telefone cortado, que investiu em ruas selenitas, que foi exemplo de boataria sobre asfalto em fazenda e tratores municipais para uso particular, cofres fantasmas, cheques desaparecidos e uma série de outras coisas que só pedindo para o Ministério Público relatar; coligação como esta beira ao mais puro estado de burrice que se pode almejar. Nesse ponto temos que dar a mão à palmatória. O PT de Mococa se sobrepujou. Foi além da expectativa.

Na eleição de 1996 por conta de um delirium tremens do judiciário eleitoral, o Souza competiu com o nome do Francisco na cédula. O povo caiu na esparrela e o Souza levou. Acho que vai rolar o mesmo, em termos de Legislativo, pois em termos de Executivo cabe a todos nós parabenizar o Tiaguinho, – prefeito em 2006.

Faço minhas as palavras do Cacá Rosseti: se é para montar um circo contratemos os profissionais. Pra que usar amadores?

# INDÚSTRIA CULTURAL I

---

2003

Cumprimento a todos.

Com a abertura desse espaço na MococaOnline, desenvolveremos ensaios semanais, crônicas e ululantes, tecendo comentários e sugestões, idéias e caminhos sobre o amplo tema da Indústria Cultural.

Críticas e debates serão bem vindos e darão a tônica da matéria.

Sabemos que é comum se esperar dos representantes políticos da cidade que eles tragam “indústrias”, o que sempre tem o significado de abertura de novos empregos, fazendo a cidade crescer. Há outros que só sossegam depois de construir seu prédiozinho, para demonstrar que a cidade cresce a olhos vistos. No entanto, Mococa, não terá essa “indústria-máquina-cimento-prédio” pois fica mais barato – muito mais barato – atravessar a divisa e montá-la nas Minas Gerais, na cidade irmã de Arceburgo. Lá o imposto é mais barato. Para lá irão todas, inclusive as nossas. Basta que esperemos. Podem tirar a vaquinha da chuva. Com as indústrias irão as famílias.

No entanto, para manterem suas candidaturas em boa posição de vencer, o político promete tudo, mesmo sem saber do que fala. A população, no entanto, entenderá que, uma vez eleito, a pessoa não se torna automaticamente sábia ou que imediatamente ganha visão e perspectivas. Nessas coisas de impostos e “indústrias” tudo muda se for possível a mudança das leis que os regem.

Por isso, quem quiser “indústria” para ter emprego, terá que montar a sua própria ou mudar de cidade.

Aqui, deveremos apostar em outras formas de “indústria”.

Mas, as cidades têm alternativas. Aí entra o olho arguto do governante.

Mococa, por exemplo, tem o turismo, tem o esporte, tem a cultura. Os mais espertos perceberão os valores da agroindústria. Mas, se quisermos procurar meios ecologicamente viáveis e altamente educacionais, teremos que escolher a vertente da Cultura. Essa última será o tema constante de nossas conversas pois, a meu ver, ela engloba as outras, de forma harmônica e construtiva.

A Cultura trata dos costumes, manifestações, civilização, inter-comportamento, mas, também, trata de artes, manifestação do intelecto e da sensibilidade humana, numa abordagem que pode ser coletiva ou individual. Ainda podemos usar dois grupos para pensar a Cultura: um Grupo Antropológico – o modo de vida da sociedade; um Grupo Artístico – os produtos inventados, desenvolvidos e construídos por essa sociedade, em seus vários campos. Uma linguagem.

No primeiro grupo é lícito dizer que todos temos cultura e julgamos as outras em função da nossa. E, mesmo a nossa, com suas variantes.

No segundo podemos dizer que há indivíduos e grupos que criam e obedecem uma linguagem de símbolos e relações que querem criticar, explicar ou apenas mostrar, expor, com uma outra linguagem, os anseios e vislumbres do primeiro grupo.

Sabemos ou devemos saber que Cultura não é evento, não é show e nem tem que divertir, necessariamente o público. A tônica da Cultura também é a preservação da espécie, aprimorando o ser humano, refinando suas tendências, aspirações e esforços.

Negar a Cultura e impedir suas manifestações é ser violentamente criminoso.

Propor e executar regras e leis que incentivem as produções humanas é obrigação de

qualquer mandatário, de qualquer cargo.

Como tudo isso vira Indústria Cultural é o que veremos daqui em diante.

Dessa forma convido você, interessado em produção cultural a nos acompanhar, semana a semana, na jornada sem comodismos onde imperam criatividade e fazer cultural e, se quiserem, o bom debate. Ou bom combate.

Boa semana!

## CULTURA EM PAUTA

---

2003, março.

E as obras continuam.

O leitor que me acompanha poderá perceber que os grupos dessa Associação Cultural de Mococa, além de serem grupo capacitados, produzem uma carga de atividades invejável.

E essa emoção transparece nas ações de muitos dos nossos seguidores.

Ainda a título de conferência segue um “resumo da obra” da produção em curtas metragens. Um ou outro título está cadastrado no [curtagora.com.br](http://curtagora.com.br) ou no Curta Vídeo e pode ser acessado a qualquer momento. Um e outro título já se mostrou no formato de trailer. À medida que vamos produzindo, os curtas são direcionados para festivais e mostras do país. É escusado dizer que para a produção dessas obras há a pesquisa, o ócio criador, os ensaios, as tomadas, as locações, a edição, tudo isso com custos de produção, que para bom entendedor são palavras que bastantes.

Para mal entendedor, nem adianta perder o tempo.

Mas, conheçam as recentes produções

Em breve, no ar, um saite completo sobre essas e outras atividades. O saite mesmo será uma obra de arte em erudição e cultura. Lá se proporá política cultural de conteúdo e se discutirá rumos corretos. Será o protótipo moderno da Enciclopédia de Baudelaire ou do ideal enciclopedista. Será um importante instrumento nas mãos daqueles que querem entender dos meandros dessa coisa do conhecimento e da cultura.

Fica, já, o convite para os nossos ESTUDOS DE FILOSOFIA. As inscrições estão abertas.

Sócios da Associação Cultural não pagam. Começa dia 24 de Outubro. A perspectiva é a teoria Filosófica aplicada. Ou seja, aplicar nas nossas ações o que manda o conhecimento Filosófico – em resumo, virar tudo de cabeça para ar. Quem sabe uma outra moral?

Outro olhar? Outra audição? Preparar Mococa para sair do seu estado pré-histórico.

Através da Associação Cultural, é claro.

## LEI DE INCENTIVO CULTURAL

---

Mococa é dona de uma lei de Incentivo Cultural. Uma Lei Municipal, portanto. Poucas cidades detêm essa particularidade.

A Lei tem o nome de Lei Calió (o vereador que teve a presença de espírito de interpretar os anseios da comunidade artística – único até hoje) e foi sancionada no dia 20 de junho de 1997. O número dessa Lei é 2787 e foi assinada pelo então vereador e presidente da Câmara Aparecido Espanha. No artigo 10 está, claramente, escrito que o Executivo deverá regulamentar a lei no prazo de 90 dias. Não o fez até hoje. Será motivo de alguma ação jurpídica ou muito me engano e nada tem a ver? O Executivo de então não o fez, surdo-mudo que era para coisas da cultura. O Executivo de hoje também não o fez. Curiosidade: Hoje, o Poder Executivo é representado pelo próprio Aparecido Espanha e, hoje, ele nem toca no assunto da tal Lei. Cita, como desculpa para a inoperabilidade, uma Lei de Responsabilidade Fiscal, que nada tem a ver com o assunto.

O fato é que a autoridade reinante deveria logo no primeiro dia colocar a Lei para funcionar. Seria lógico. Seria coerente. Será consciente. Se ele não o fez, cabe à comunidade de artistas se mobilizar, se é que prezam seus trabalhos.

Com a Lei, o artista deixa de prestar favores e passa a desenvolver projetos.

Mococa gosta de favorecimentos e gosta de transformar as pessoas em seus escravos óbvios. Artistas, então, nem se fale, não só tem que emprestar instrumentos, como óte que trabalhar de garça por essa ou aquela causa, por amor à arte. Balelas.

A Lei Municipal de Incentivo Cultural dará sustentação de trabalho ao artista mocoquense e daí se poderá pensar em um plano de salários-cachês. Sim! O artista é um trabalhador que tem de preservar o seu desenvolvimento profissional, que é diferente do das outras profissões. O artista não pode ficar atrelado a nenhuma outra forma de emprego ou serviço, pois ele precisa de tempo para criar e desenvolver a sua arte com estudo, também. Ócio criativo. Horas e horas e ouvir música ou ler. Pesquisas. Arte não é hobby. Só faz dela hobby aquele que não é um artista na acepção da palavra.

A LINC-Municipal está aí para sanar esse erro comum.

Com a aplicação da lei o número de empregos aumentará, tanto para os artistas quanto para as pessoas que auxiliam no trabalho do artista. Exemplo: Um espetáculo de música. Além dos músicos, teremos iluminador, bilheteiro, camareiro, diretor de arte, figurinista, costureiros, trabalhos gráficos, carregadores, ou seja, tanto no masculino como no feminino, a geração de trabalho é grande e significativa em várias áreas paralelas, incluindo o vendedor de cachorro-quente ou a sorveteria perto do Teatro. Agora, imaginem essa multiplicação de trabalhos para literatos, folcloristas, dançarinos, artistas plásticos... teremos uma enxurrada de obras e de serviços, de modo que a comunidade ganhará em muitos sentidos, principalmente nos de turismo, educação e lazer. Acredito que a cruzada pela imediata regulamentação e execução da lei é de interesse geral.

A LINC de Mococa abrange as seguintes áreas, apontadas no artigo 2º: Música, Dança, Teatro, Circo, Fotografia, Vídeo, Literatura, Artes Plásticas, Artes Gráficas, Filatelia, Folclore, Artesanato, Acervo, Patrimônio Histórico e Cultural, Museus e Centros de Cultura, além da área do esporte amador.

O processo de restauro do Casarão Amarelo estaria sob os auspícios da Lei Calió. A real reforma do Teatro Municipal – não sei por que essa reforma ainda não começou! – também seria agraciada pela Lei.

Vale a pena lembrar que a Lei servirá às obras e trabalhos produzidos por indivíduos e grupos artísticos de origem da comunidade.

É através de leis como essa que evitaremos infortúnios que beiram o ridículo como o caso do amigo Laudinei Marcolino. Lau, como era conhecido, desenvolvia seu trabalho artístico em trabalhos sobre couro, no entanto era obrigado a abraçar outras profissões para poder sobreviver. Num desses momentos foi trabalhar em Portugal pintando paredes, subindo em andaimes, enquanto sua cabeça de artista maquinava as futuras obras. Um dia despencou e morreu. Morreu longe da família e amigos. Morreu fazendo uma outra coisa que não era a sua arte. Longe de sua cidade. A cidade que tinha a Lei que o manteria vivendo e produzindo na mesma cidade e para o mundo. A irresponsabilidade do governante fez com que perdêssemos a companhia do Lau. Hoje dá bem para ver que ele não precisava ir para Portugal algum, pois a cidade tinha meios de manter o seu trabalho, já que a Lei data de 97.

Aconteceu com o Lau e há outros artistas lutando em seu tempo vago para manter a sua arte.

Agora, a cidade tem a obrigação de manter seus artistas. A cidade tem obrigação de financiar os projetos. A cidade tem obrigação de preservar sua produção de arte nos vários campos já citados e a cidade cumprirá essa obrigação porque é de Lei. A cidade merece que o arte floresça, independente de qualquer governante.

É para isso que servem as leis.

Os governantes fazem cumprir a lei.

# LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA I

---

Dentro das várias linguagens artísticas que Mococa produz há uma, por ora encabeçada por Brás Machado, que é a de linguagem cinematográfica. Temos um representante de família de Mococa que tem seus afazeres fora daqui, mas o contato é escasso e furtivo. Limitou-se a um encontro na mostra de cinema de Julho com algumas promessas e endereços não cumpridos nem ativos. Temos também o Maurício Miguel e suas tentativas e pesquisas e na maioria das vezes uma investida concreta na área do documentário. Mas, por ora, interessa Brás machado e seu interesse pelo cinema. Recentemente estive em um programa de televisão agradecendo apoios culturais. Dentro das várias linguagens caricaturais que Mococa produz há uma, que se sobressai quase que diariamente, que é a de agentes de mídia sem pé nem cabeça. Sem falar nas grandes coberturas a lojas familiares, nas grandes entrevistas com políticos subservientes, nas grandes coberturas a ruas asfaltadas que acabam ali e et coetera, temos também direcionamentos de reportagens que conduzem a uma auto-propaganda do nada que já foi feito.

Brás Machado segue com seu projeto de produção cinematográfica e parte para a segunda obra. Fez “Amor-Poder que Transforma” de profundo apelo cristão ao estilo evangélico. Os irmãos dessas igrejas não deram muita trela para o filme e era de se contar que houvesse maior interesse por parte desse grupo religioso, já que a obra foi para eles direcionada. Hoje Brás Machado está com um roteiro profano, versando nas aventuras do campo mesclando romance e agitação política.

Brás Machado pede apoios variados e algumas pessoas prometem só para constar. “Amor-Poder que Transforma” está em algumas locadoras e vale a pena ver, mesmo porque temos no elenco atores de nome como Josué Torres (ADÁGIO AO SOL, de Xavier de Oliveira), e Sergio Spina (OBSESSÃO NEURÓTICA, mapa cultural, Piracicaba). Por isso, em recente programa de TV Brás Machado, após relatar que não recebe apoio de ninguém, passa a agradecer o apoio recebido pela apresentadora. Em que sentido? Apoio por causa da entrevista. Apoio por causa da gasolina? Apoio decente? Apoio programático?

Planos e projetos e programas? Essas três perguntas estão na boca de políticos emergentes como as primeiras a serem aprendidas.

# MECENAS, UAI!

Ou

## ROUBANDO A CENA DOS PALHAÇOS

---

Segundo o Aurélio o Mecenas é o patrocinador generoso, protetor das letras, ciências e artes, ou dos artistas e sábios. Não de alguns, mas de todos. Em geral o Mecenas é uma pessoa que se sensibiliza com essas atividades, ou seja, tem um pouco da alma do artista dentro de si. Mecenas não é, portanto, a pessoa que corre atrás de recursos – e é pago para isso - mas, sim, quem dá o recurso – espontaneamente - ratificando a afirmativa acima.

O MECENAS etrusco tinha conhecimento de que ampliando as razões e a sabedoria de sua comunidade, certamente aumentaria a cultura de seu povo e o bem estar geral.

Vi em um jornal local, um dia, uma figura estampada em meia página. que mostrava “mecenas”. Parecia uma propaganda feita à pedido. Estranhei o fato de que o jornal liberasse tanto espaço para uma propaganda encomendada. No entanto lá estava “mecenas” devidamente elogiado por seu escriba de bolso e conveniência.

Mas em Arezzo, descendente dos Cilnii, família de príncipes, encontramos um cavaleiro Romano, advindo da Etrúria. Era MECENAS. Ele aparece em 40 antes de Cristo entre os familiares do jovem Otávio. Realiza, para este, diversas missões diplomáticas junto a Marco Antônio, o Triúmviro (a Paz de Brindisi, entrevista de Atenas em 38 e acordos de Tarento em 37 e coisas tais). Esse era MECENAS.

O “mecenas do jornal” arrota figuras de linguagem mas não tem o equilíbrio adequado para o cargo, ou seja, aquilo que a Noblesse Oblige. Esse mesmo “mecenas da folha impressa” fala de arte popular e atividades ligadas ao povo e no entanto manda pagar R\$ 20,00 para uma peça... popular(sic!). Parece que o falar é uma coisa diferente do praticar. Na teoria a prática será outra?

Já o MECENAS etrusco foi encarregado, em 37, na ausência de Otávio, de administrar Roma, de tão capaz que era. E olha que Roma era a rainha da massas e pastas – de excelente finno gusto uno tortellini a la Romana - MECENAS gostava de viver cercado de poetas, e dos maiores. MECENAS não aceitava poetas menores. A seu lado se via Virgílio, Horácio, Quintilius Varus, entre outros. Exerceu através deles uma profunda influência sobre o pensamento Romano.

O último episódio conhecido foi do caso de um “mecenas de candeeiro” que, tendo de ido a um banco conhecido, destratou uma pessoa que furava a fila, aos berros e tremeliques, nem percebendo que tal pessoa tinha deficiência para andar e tinha assegurado seu direito de fila própria. E olha que a tal pessoa só ia pedir informação à balconista. Não contente só com isso, esse mesmo “mecenas de ocasião”, obrigado a receber cidadãos do povo, da comunidade, tendo que manter um excelente trato com o público em seu próprio escritório, destratou tais pessoas com palavras de baixo calão e uma falta de educação que espantou os serviçais que por ali trabalhavam.

Palavrões e outras coisas irrepetíveis numa coluna proba como essa.

O MECENAS da Etrúria, casado com Terência, diga-se, um casamento pouco feliz, era poeta por excelência, de gosto requintado que chegava à extravagâncias. Nunca se rebaixaria a gritos e impropérios em público, pois consta que agentes culturais e

defensores das artes tenham um mínimo de panache (um certo brio carismático, um orgulho por capacidade) e um savoir faire (um certo saber fazer), inquestionáveis.

No entanto há MECENAS e mecenas.

Para o “mecenas da foto”, falta somente um nariz de bolota vermelha, para se demonstrar claramente que pretende ocupar o nosso lugar, sem ter que ir ao picadeiro.

O nosso lugar de clown... de artistas... de palhaços... esse lugar é um lugar sagrado.

Boa semana.

## O PT DEVE...(I)

---

Na categoria de ombudsman do PT local venho tecendo sugestões amistosas, até!, para que o grupamento em ação eleitoral não pague micos e outros dividendos.

Não! Não fui eleito ombudman, mas há necessidade de um. De preferência quem tenha uma visão crítica. Críticos seremos todos nós, inda mais quem puder perceber quando a vaca se encaminha na direção do brejo.

Assim sendo fica clara a observação das dívidas que o PT tem com a sociedade. Uma, que é imediata, atinge a todos que escrevemos e pensamos. Aqueles que não pensam nem percebem a diferença, mas, nós que escrevemos e temos como carta de crédito a nossa massa encefálica, conseguimos notar as diferenças das mordanças e das figuras da falta de expressão.

Daí: cumpre ao PT de Mococa, a título de sugestão amistosa, como já disse, que publique uma nota em jornal ou em panfletos, repudiando as últimas terríveis e perigosas idéias de Controle e Disciplina sobre a ação de jornalistas e da criação audiovisual. Eu pessoalmente exijo que cada um dos candidatos, principalmente os que sabem ler e escrever normalmente, que assine e assumam a sua defesa das liberdades irrestritas de expressão. Eu aqui declaro que sou contra, completamente contra!, os textos da ANCINAVE e da Federação de Jornalistas. Há aí, no bojo dessas leis, o embrião do totalitarismo e dessa vez, o totalitarismo de esquerda. Coisa que pode muito bem ser de agrado de xiitas. Mesmo aquelas pessoas que se acham xiitas e fazem propaganda disso. Talvez se suponham xiitas por não tomarem coca-cola. Pode ser.

Então, para que se mantenha um mínimo de compostura, espera-se que a Direção do PT de Mococa assine um documento negando qualquer conexão, qualquer apoio, e criticando abertamente as novas leis de mordança que o governo começa, titubeante, impondo à sociedade e aos meios de divulgação. Já temos leis que regem essas coisas e o pior que pode acontecer é a censura que o leitor faz ao texto que decide não mais ler. Está aí a punição maior. Não precisamos de que Conselhos Federais escolhidos a dedo venham Controlar, ou Disciplinar, ou Sugerir, ou Determinar, quais caminhos as letras e as imagens devem seguir.

Quando o programa de TV ofende ao espectador basta desligar a TV ou mudar de canal. Se um filme é contra seus princípios morais você não o aluga ou não vai assistir. Se um texto vai contra sua maneira de observar o mundo você pode retrucar ou deixar de ler o resto do texto. Ações do indivíduo na sociedade. Ações pessoais, u mesmo coletivas se essa ou aquela obra depõem contra determinados grupos, serão atos de cidadania. Mas, nunca, a proibição. Nada deve ser proibido "FAZE O QUE TU QUERES POIS É TUDO DA LEI", disse o Krig-ha-bandolo SEIXAS. O cidadão censurará aquilo que não quiser ver, nem ler, nem ouvir. Trata-se de um problema pessoal e familiar.

Sabemos, porém, que a sociedade, com sua grande parcela de hipocrisia vai criticar e continuar a ver o que não deve ou não precisa. Quem é que precisa de Sertanejos, por exemplo? Eu respondo: as grandes gravadoras. As ricas gravadoras mas isso é tema para outra matéria

O PT local deve – eu exijo - mandar cartas de repúdio às leis de Mordança – enviar correspondência ao Diretório Regional, à Macro, e ao Diretório Nacional e aos jornais locais – viram? dei todas dicas - e defender o tempo todo o direito de todo cidadão

dizer, ouvir e ver e escrever o que quiser, inclusive eu, ou estaremos ouvindo ecos ditatoriais novamente, e será duro, pegar em armas, novamente, depois dos cinquenta.

Se não fizer isso ficará clara a posição de neutralidade ou omissão frente a um dos assuntos mais preciosos em termos de liberdade de expressão.

O pesadelo não tinha acabado?

## OS POSTES DO CENTRO. POSTES CENTRÍPETAS

---

2003, agosto

Os postes mostram faces e sorrisos adocicados.

Principalmente no centro da cidade encontramos, agora, e finalmente, os postes que divulgam os candidatos do Partido dos Trabalhadores.

Mas, apenas dois candidatos. Não há mais?

Isso sugere que as campanhas não precisam mais do que um mês. A campanha 2004, então, inócua e silenciosa, indica que vamos deixar para ficar do jeito que está, por que, se mudasse seria o mesmo. Ou, pior, seria um retorno ao governo anterior.

Nos postes vejo dois nomes, um terceiro obrigatório que é o do Vice.

Nos galhardetes – no caso, galiardetes – temos um nome de vereadora e em outro o nome do candidato a prefeito com o estranho slogan: UM JEITO HONESTO DE GOVERNAR. Talvez seja liberação da justiça eleitoral, não sei, mas, não consta os nomes dos partidos da coligação. No mínimo, mesmo que permitido, trata-se de omissão de informação. O público deve saber mais quem são os que têm o tal jeito honesto de governar, para comparar com o outro. Essa frase quer dizer que o outro não tem? É uma suspeição? É uma afirmativa? Será por ventura um questionamento, se bem que de ventura temos jurisprudência em ótimas lembranças...

Para maiores esclarecimentos cabe afirmar e listar quais os itens do jeito honesto de governar, ou pelo menos o do jeito óbvio. Eu, por exemplo, sei de alguns que não são legais e qualquer prefeito não deve cometê-los nunca. Seguem abaixo para deleite da platéia:

- a) Fechar Escola Municipal de Música – que é de lei desde 1982 e fora aberta em 1996, por ocasião do governo Naufel, muito hábil na educação.
- b) Destruir a Usina de Reciclagem de Lixo, produtora de húmus, embrião de uma cooperativa de catadores de lixo, com potencial de devolver aos cofres públicos 14% do valor original.
- c) Jardins e praças sem luz, água e cuidados. Ruas esburacadas.
- d) Herança e manutenção de vilas e bairros sem asfalto, preservando sua deterioração e diminuindo o nível de bem estar da população.

Bons exemplos que devem ser lembrados, precisamente por que quer se eleger e por quem elegerá.

Mas, que mais dizem os postes do centro?

Nos fazem lembrar que além dos dois candidatos não há mais nenhum. Ou, quiçá, cada um se vira em seu curral eleitoral. Ah! Lembrei que o PT não tem curral. Bom. Então, em seus bairros. CoHab I, CoHab II, alguma escola técnica, cada candidato (como bem disse o colunista, o cândido do momento) distribuirá seus santinhos e seus doces sorrisos. E eu me pergunto como ficarão os candidatos evangélicos distribuindo santinhos por aí? Mas isso é outro assunto.

Vê-se, também, em um e outro muro um quarto nome. Normalmente muros que dão frente a alguma comunidade evangélica. Não vejo nada mais.

E os outros candidatos? Por onde andam? Que idéias representam? Que bandeiras? A do PT de centro-esquerda? A do PT neo-liberal? O PT Social Democrata? Saberão os candidatos o que significa isso tudo? Que feudos os aguardam? Há algum jornal onde se possa saber dessas pessoas? Há algum mísero panfleto onde se possa conhecer tais personalidades? Algum sítio na internet? Musiquinha pela rua? Algo marcante? Comícios? Showmícios (ouvi falar de grupos de música que fazem oito show por cem reais)?

Isso é estratégia?

Fala-se em estatística, pelas ruas. Falam de uma repetição, em percentagem, do evento da última eleição. Os "cidistas" estão otimistas. Tanto que não estão dando ao trabalho de uma massiva campanha. Logo, mesmo que a diferença seja menor do que anteriormente, tal fato se dará pelo menor número de candidatos a prefeito e pelo fato de que só um lado está desenvolvendo e gastando dinheiro com sua campanha. O lado "cidista" está em função da campanha dos vereadores que detêm a soma de 2 milhões de papéis para desaguar nas ruas e dar imenso trabalho aos garis. Mas os garis não ligam, são "cidistas", em sua maioria.

Será isso uma estratégia?

Mas, fiquemos de olho nos postes.

Parados, secos, altivos, servem de cabide para sorrisos galhardos e para grupos de candidatos selecionados a dedo.

# ParTiu-se o PoTe

ou

## a estátua com pés de barro

ou

## cadê o buraco para eu enfiar a cabeça

2003, novembro

Profecias de lado, basta observar o momento histórico.

Estava escrito nas estrelas, ou na estrela, para ser mais exato, e os números não mentem. Só aumentam o grau da miopia.

Antes de tudo, parabéns ao vencedor. Não o Cido Espanha, pois esse já havia ganho antes de começar a eleição. Deve-se parabéns ao Juninho Maziero, que soube muito bem administrar a coligação e seus efeitos. O PT sempre teve dificuldade máxima em eleger pelo menos o seu vereador. Com a coligação UM JEITO HONESTO DE GOVERNAR, em vez de sair do zero, ele saiu do -1, pois Juninho também já partia na frente. Bastava olhar o número de suas eleições passadas. Ele, Ítalo Maziero Junior, já sai para uma eleição com pelo menos a cota mínima para se eleger uma pessoa, caso todos naveguem na média de votos, que na eleição de 2004 foi de 180 votos para um grupo de 20, caso a chapa saia sem coligações. 750, 550, 1 265. Taí a performance.

Poucos do PT são capazes de conseguir essa marca. Outros nunca, bastando ter bom-senso. Boa vontade não serve de nada.

Mas ficou bem claro outro tipo de articulação dentro do Diretório Municipal de Mococa. Dessa vez, sim, a formação de grupos e tendências.

Antes uma ou outra pessoa se identificava com esse ou aquele parlamentar. Exemplo: Um gostava do Ivan Valente, outro se ligava ao Simão Pedro, outro apostava na dupla de Mentores.

Hoje não. Há, afirmativamente, a tendência interna e a formação de grupos específicos. No entanto, quando surgem essas tendências elas não podem ficar por baixo do pano. De acordo com um documento hoje quase sem valia no PT – falo do estatuto – as tendências têm de ser registradas para deixar claro quem se agrupa com quem. Quando isso não acontece e as tendências e grupos agem juntos significa golpismo.

Ao terminar a minha gestão como presidente do PT eu disse que não participaria de eleição alguma pois, naquele momento, não acreditava em continuísmos só por que era meu desejo e, que valia a pena uma alternativa na presidência do Diretório. Barriu e Eliana Galvani se prontificaram a armar chapas com vistas à eleição. De repente o Barriu não inscreveu a sua e a Eliana competiu sozinha. Foi eleita, claro. Ela era presidente do Sindicato e na minha opinião foi um movimento errado do PT pois uma única pessoa acumulava duas funções importantes e, mais produtivo seria, se duas pessoas ocupassem postos institucionais, abrindo o leque petista na sociedade. No entanto a fome de poder da “companheira” deu no que deu. Em troca, certamente, ela apoiaria o Barriu para se candidatar à possibilidade de eleição a Deputado Estadual. Isso ficou claro. Isso determinou uma “tendência”.

Hávamos combinado enviar carta simples para os militantes convocando-os para a prévia. Barriu venceu. Hoje eu percebo que aquilo tudo não ficou muito claro e não há

como provar. Mas numa contagem superficial eu vi que gente que deveria votar em mim, e estava presente, foi covarde e traidor, mudando de voto. Era brincadeira, então.

Eu havia sugerido uma prévia na cidade para se levantar qual nome seria mais viável para a campanha de deputado e acharam essa idéia infantil. Na verdade não queriam o confronto.

Os números de hoje, mostram tudo.

Cido Espanha ganha com 83,5% dos votos contra o resto

Em 2000, Cido Espanha vencia com 71,49% por cento dos votos contra o resto.

PT e PMDB separados são mais úteis do que coligados.

Juntos, eu e Maziero e Sergio Bastos tínhamos em torno de 20% de votos. Cido Espanha 71,49%. Hoje a diferença aumentou.

O candidato a vice Fábio Delduca disse tratar-se, – da coligação, - de uma estratégia. Bom. Como? Eu digo que a estratégia foi do PMDB. O correto seria, de olhos fechados, fechar com o PL. De qualquer forma a coligação emplacou o segundo mais votado, no total, e ele é nosso representante. Quero ver esse relatório lá no Diretório Estadual. Quero ver a cara do pessoal. PT ajuda a eleger o PMDB e não consegue se eleger, gastando o que gastou. Excelente relatório.

Durante a campanha comeu solta uma miopia extravagante. Candidatos vários já estavam eleitos. Se não era pela Igreja, era pelo Bairro, pela Associação, pelo carisma, pelo analfabetismo ou outra humildade qualquer. Miopes.

Hoje, no caso do PT, tendo perdido suas características básica e não tendo mais bandeiras originais para defender, pode fazer coligação com qualquer outro grupo. Hoje são todos iguais. São normalmente neo-liberais, com certa intenção de inclusão social, mas de perfil assistencialista. Se tivesse coligado com o Espanha teria eleito alguém, já que a Eliana Galvani, tendo mais votos que o Fabio, que o Corraini, que o Pelé, que o Nane, sairia na frente... mas nem assim a inteligência teve preponderância.

Quando eu disse que somando uma meia dúzia do PT não dava uma Rose Braga, por exemplo, eu quis dizer que um grupo, – só por ter fundado o PT de Mococa, históricos como lá querem eles, e, jurássicos como cá quero eu, – se arvora o direito de sempre estar presente nas eleições. Se for por respeito à essas pessoas, o PT perderá sempre. Mas, hoje, se pegarmos apenas Véio, Caixeta e Silvio, somando tudo não dá a votação da Rose Braga na eleição passada. Sem contar que Rose Braga é mais hábil, talentosa, e inteligente, o que facilita participar de um legislativo. Terá sido isso é estratégia? Ou terá isso, apenas Cido.

Para a eleição do LULA, no último congresso que participei ele disse: “Não me chamem a comícios com 200 pessoas no Amapá, se podemos pegar 3000, 4000 pessoas numa única escola em São Paulo. Por mais que as pessoas do Amapá tenham que ser respeitadas.” Ou seja, o custo benefício (palavra cara ao candidato Barriu) não valia a pena e o resultado final seria o mesmo. Ou seja, a vitória.

Mas na estratégia da Eliana Galvani deu certo. Ela lançou uns bois de piranha para engordar a sua liderança e ficar na frente, pelo menos no seu partido. Me parece que sua única intenção é ser líder em seu partido e nada mais. Me parece que o PT ganhará, se Eliana Galvani não mais participar ou se deixar de lado cargos de Direção. A sua política de colocar o carro na frente dos bois não corresponde ao fatos, como disse o Cazuzza, e no mesmo CD, ideologia – eu quero uma para viver. As bandeiras antigas não existem mais. O PT está rosa, desmaiou na primavera. Poesias.

Se o PT quiser ir a algum lugar deve se reciclar. De algumas pessoas e de muitas idéias. Provou-se que essa eleição foi muito cara (financeiramente) e não deu em nada. Os votos que o candidato petista teve na eleição para deputado Estadual voltaram da mesma forma. E podemos dizer que teve apenas o dobro de votos do Nulos e Brancos. E olha que não havia mais candidatos para se lançar a atenção. Não sei se isso é algo elogioso para quem pegou o bonde que andava e fez pose de timoneiro. Como eu disse, competir consigo mesmo e perder.

Havia galhardete em todo poste. Havia faixa por todo lado. Alguns muros. A chamada em cada santinho. Três parlamentares alimentando os candidatos com as cores de suas tendências. Como sempre a candidata-mor querendo resguardar o seu curral eleitoral e pegando mais papel do que todo mundo. Eliana Galvani tinha os galhardetes maiores do que os dos outros. Por que? Não seriam todos iguais? Os dela foram fabricados em outro lugar? Co outra forma? Na altura maior do poste? Haverá diferença entre os candidato? Lembro-me de uma reunião num restaurante perto de casa onde um representante da Articulação vinha oferecer ajuda em papéis – na campanha de 2000 – mas não havia papél para todos. Apenas para mim (majoritário) e para dois outros candidatos – os escolhidos, os ungidos, os messiânicos - que poderiam emplacar alguma coisa. Lembro que eu, Rose Braga e o Getúlio Cardoso fomos contra essa idéia. A Eliana Galvani achava óbvio que houvesse diferenciação. Intimamente sempre achei que ela se achava a melhor e a única que deveria ser votada. Ela se esquece que a coisa é feita no conjunto? Ou tinha papel para todo mundo ou não deveria ter para ninguém.

Justiça não é o forte do PT. Nem a solidariedade. Muito menos a observação do óbvio. O PT de Mococa prefere preterir.

A sede que temos não apareceu por que todos assim queriam. Eu forcei a barra para que isso se desse. Ao final da campanha as pessoas desistem de tudo e desaparecem. Eu tinha prometido que o partido manteria seu trabalho. Aliás, na hora de assinar o contrato de aluguel da SEDE, ninguém assinou como fiador, e meu pai, José Coelho, que não tem nada a ver com isso, foi o fiador, pois o egrégio Barriu faltou às reuniões de deliberação sobre a questão da SEDE, a Eliana Galvani não podia ser fiadora por que deu a desculpa de ter outro imóvel (o que nada impede), Getúlio não quis, Caixeta assinou e retirou a assinatura. Ou seja, tudo se fazia para não termos a SEDE. Já naquela momento o grupelho se articulava para impedir que a minha gestão fosse plena de sucessos. Que foi mesmo. O PT voltou ao plano político, veio a SEDE, publicamos jornais, recebemos as visitas de ilustres e medalhões do partido, queiram, ou não, coincidência ou não aqui estiveram Lula, Genoíno, Suplicy, Simão Pedro várias vezes, Ivan Valente, Mentor (vários deles) – não por minha causa, é claro, mas o momento era bom – e, vieram os jovens, os estudantes, novos militantes que, depois, saíram por perceberem que os “militantes históricos” eram desvairados em seus pensamentos e só atentavam a discussões inócuas. Para mudança de Diretório era necessário uma tese que eu escrevi e depois foi emendada em reuniões posteriores, com novas idéias e propostas, o que é normal. Para a campanha da Eliana Galvani ao Sindicato eu digravei o jornal, sem ônus algum. Eu me solidarizava com os companheiros. Até ter que passar todas as manhãs na SEDE, para mantê-la aberta, enquanto a companheirada nem aí para ela.

O mínimo que se tem que ter é respeito e consideração.

Um companheiro me visitou e disse. Teremos uma virada histórica: De cada 10 casas 6 está com o Barriu. Mas, isso não passava de miopia, desvio de atenção, loucura temporária, malversação de dados, devaneio. O que ele não conseguiu ver foi que 6 era o

número de vezes em que os votos da coligação seria suplantado pelo candidato pré-vencedor Aparecido Espanha.

Sugestão de Relatório para um Diretório Estadual:

Erro de estratégia, Coligação mal avaliada, Falta de companheirismo, Inexistência de adversário real, O adversário virtual era Si mesmo, Erro na construção de chapa Pronta Para Perder, Interrupção de processo político natural, preterindo companheiro viável de boa performance, todos esses paradigmas fortalecem a tese de que para um bom direcionamento do PT de Mococa algumas pessoas devem deixar de atrapalhar a imagem do PT, deixando o partido, afastando-se por completo por serem muito mal de voto. Especialmente os da linha de abaixo de 100 votos, sem contar os paraquedopetistas, que depois dessa, certamente sairão do partido pulando para outro galho qualquer.

É hora do Caixeta e do Véio do PT deixarem de lado isso tudo e descansarem. Já se deram bastante. Só não deram voto. É hora de perceberem que se há de construir estruturas e não permanecer na rabeira da eleição do LULA, pois se assim fosse a coligação teria de ser outra. É hora da Eliana Galvani perceber que um grupo forte equilibra os votos e mesmo o Maestro e Rose Braga saindo juntos teriam mais votos que todos os “companheiros” de última hora a saber: Berin, Neusa, Elsa, Silvio, Caixeta, Véio e quem sabe mais algum. Galli, por exemplo.

Parabéns por outro lado, à Eliana (apesar da diferença na quantidade de material de campanha), ao Naider, ao Mauro, ao Professor Leodoro, – professores, – pois obtiveram votos na média, necessários na soma para eleger aquele que estiver na frente. Juninho estava na frente e vocês bem sabem que ele sempre esteve. De qualquer forma cumpriram o papel que se esperava. Se o Maestro fosse candidato e a Rose Braga também, estaríamos nessa média, e estaríamos contribuindo para a soma. Quanto aos demais deixaram a desejar. Especialmente em termos de expectativa de votos. Uns por pré-arrogância, outros por incapacidade mesmo e outros por serem apenas bois de piranha, como já foi dito, sem a mínima noção de coisa alguma.

De acordo com o raciocínio que o mesmo Barriu gosta de aplicar com seus números e cabalísticos cálculos de economista, números estarrecedores, conclui-se que o PT de Mococa estagnou. Não é força política, não cresceu e não vale sua opinião no mercado das ruas. Não saiu do lugar. Na verdade deu alguns passos para trás. Coligação com grupo moribundo – descendo a escada para a extinção – é erro brutal de estratégia. Não se pode coligar com um grupo que, na eleição 2000, foi ovacionado negativamente no dia da apuração. Quem viu alguma virtude nessa coligação que fale!

Talvez o Juninho Maziero seja o grande alento do PMDB no futuro, trazendo uma renovação saudável. Se assim for fico solidário para uma boa política. Se o PMDB tiver um mínimo de senso deve seguir na senda aberta e liderada pelo Juninho. Ele é o líder incontestado. E é líder da coligação. E renovar. Mandar para o museu os seus velhos caudilhos, chefetes e cabeças. Mudar tudo. Aposto que tem gente legal que não quer mais ouvir certos nomes por trás do partido dando-lhe negra sombra.

Com essa última eleição do Cido, nesse ciclo, Mococa tem tudo para se transformar. Poderíamos acabar de vez com o modo velho de fazer política e vivificar com juventude inteligente a política local. Daqui 4 anos, é certo. Pode-se começar – vai aí uma idéia para os nossos legisladores recentemente eleitos e, diga-se, sem mudança nenhuma nas cabeças apenas em alguns nomes – com uma normativa eleitoral, se possível local, para a organização das eleições. Que se acabe com essa coisa de pendurar

plástico nos postes, por exemplo. Há outros meios para o candidato se fazer reconhecido e ampliar, por obrigação a questão do debate. Urge uma lei nesse sentido.

Cidadania e civilização passam por aí.

Cidade limpa, desde já, de alhos, bugalhos, penduricalhos e de politicalhos.

Com isso eu fecho meus ciclos de escritos de crítica política, dando completa e vitoriosa a minha missão.

## RENÚNCIA, SIM!, UM MÍNIMO DE COERÊNCIA

---

Era ano 2000.

Vésperas das eleições. No meio das calêndas setembrinas.

Chegávamos – eu e esposa - a uma reunião do partido e, na casa comitê na Vila Santa Rosa, está instalada uma reuniãozinha – petit comitê, como gostam os colonistas - decidindo sobre os rumos da campanha.

Já naquele tempo os artífices da conspiração se esgueiravam pelos desvãos da campanha. Sorrateiros. Escondidos nas tábuas dos assoalhos. Traças.

Decidiam dar ênfase aos vereadores do que à campanha majoritária, pois tal grupo concluía da inviabilidade da eleição. Coisa óbvia, para qualquer um, desde seu lançamento.

O interessante da reunião é que a faziam sem a presença do presidente que era também o candidato a prefeito. Sempre se soube que a presidência abre as reuniões, mas os “líderes” do momento, oriundos da campanha de 92 – aquela que causou uma ruptura impar do partido – resolveram lembrar os velhos... velhos... velhos... tempos e queriam articular novidades para o momento.

Inspirado por esse fato venho aqui propor a seguinte coisa: Se naquele tempo não era viável a eleição do candidato majoritário e, já na tal reunião de carrapatos, se decidia enfatizar a campanha a vereador, hoje, certamente, hoje, deve ocorrer o mesmo, pois a campanha para executivo já está inviabilizada desde o seu nascimento e, principalmente, pela sua coligação. Quem não se lembra das amplas vaias obtidas no dia da apuração dos votos em plena Associação Esportiva? Um nati-morto surgido da coligação, das más condutas de dirigentes, das veledades obtusas, das rasteiras e golpismos, dos tapetes escancaradamente puxados, do paraquedismo de aluguel.

Ou será que a vaidade falará mais alto?

O “movimento cidista” já ganhou. A sua reunião de partidos – coligação – deve fazer, novamente a maioria na Câmara. E há nomes legais naquela lista de coligados. Saberá o povo escolher? Dessa forma, para que gastar dinheiro? Para que perder a oportunidade de eleger um vereador – se bem que eu desconfie do compromisso desses atuais vereadores socialistas. Sim, pois, o partido é socialista! Não sei se sabem disso os neo-paraquedo-petistas.

Mesmo assim. Se a maioria dos candidatos do PT à vereança não são mais radicais nem socialistas, pra que perder tempo com mandatos alugados? A maioria tem pensamento neo-liberal, de acordo com o PT Nacional.

O legal seria uma declaração pública de RENÚNCIA pois isso facilitaria a vida dos vereadores. E mostraria um mínimo de visão política. Os candidatos não precisariam carregar aquele peso para cima e para baixo. Não sei que desculpas metade dos candidatos da chapa atual darão perante Deus. Todos sabem como são maçantes os discursos do “companheiro”. Hoje até acho que em 2000 eram muito mais chatos ainda pois ele tinha lá em sua cabeça a intenção de esvaziar os comícios. Conseguia, muitas vezes, fazer a sua “estratégia” funcionar.

Mas, hoje, para ser coerente, ele deve RENUNCIAR à candidatura. Amigos influentes devem fazer a cabeça do “companheiro”. Assim, nenhum dos dois lados gastará mais recursos e tudo se precipitará, finalmente, para as candidaturas à Câmara

de Vereadores, elevando assim, quem sabe, o nível do LEGISLATIVO. A cidade merece. Faz tempo que ela merece.

Em um dos jornais da cidade leu-se na entrevista sobre o nihilismo, o nadaísmo, o vazio, das propostas do líder-companheiro. E quem pode, enxergou que a situação tem, hoje, maior contribuição a dar, suas propostas foram em maior número, de repente uma e outra serão consolidadas, uma vez que de certa forma, o atual governo, deu um jeito na casa. Casa que estava esculhambada pelo aliado do PT de hoje. Omessa!!  
Inacreditável!!

Será isso uma estratégia?

A cidade desejará um retorno aos velhos tempos?

Sugestão: Esqueçam os que os esqueceram. Esqueçam o PT!

## RESPONSABILIDADE FISCAL E CULTURAL

---

Sobre trabalho de Fábio de Sá Cesnik e colabor. de Patrícia Akemi Beltrame

Recentemente, em reunião com o prefeito Espanha e o advogado Marcelo de Freitas, fomos informados sobre a Lei de Incentivo Cultural, em função da sua inoperância. Tomamos a iniciativa de efetuar um estudo, com apoio de interessados de outras cidades, para aumentar o nível de informação e buscar pareceres que facilitem aos prefeitos a aplicação das Leis Municipais. E achamos. E ofertamos para a população e artistas interessados o comentário que ora vai.

O comentário abaixo fornece elementos para que o prefeito Espanha aplique a lei Cultural, sancionada por ele. Descobrimos que se a prefeitura for transparente em suas proposituras, a Lei de Incentivo não vai contra a lei de Responsabilidade. Aliás, é justamente o contrário.

Basta um querer político.

Tornou-se uma prática em Estados e municípios pensar e editar a sua própria Lei de Incentivo Cultural, buscando parcerias no fomento à cultura.

A LRF foi editada em decorrência de desequilíbrios regionais, principalmente no que tange à distribuição de renda e malversação dos recursos públicos. Foi ainda editada para propiciar maior distribuição de rendas entre os entes federativos, a fim de permitir políticas redistributivas, e mecanismos que garantissem o compartilhamento de receitas tributárias.

Eis algumas razões que justificam a LRF: a) deformações econômicas em decorrência do mau uso do dinheiro público, b) descontrole orçamentário e c) má política fiscal.

A LRF é uma forma de ajustar e controlar os gastos públicos de forma responsável e dentro de um planejamento prévio, mantendo transparência na situação financeira do ente público.

De fato, as perspectivas da LRF são ambiciosas e pretendem diminuir os efeitos de uma má distribuição de rendas, quase um emblema nacional.

Por isso, a edição da LRF fez com que alguns governantes retivessem os incentivos, sem ponderar, sem pensar, sem manter perspectivas. Os artistas mocoquenses estão pedindo para que o Executivo pondere claramente e, novamente, sobre a lei já editada.

A LRF estabelece que não só as despesas mas também as renúncias fiscais somente poderão ser instituídas a partir da existência de arrecadação que as comporte, atendendo ao disposto na Lei de Diretrizes Orçamentárias. Deve-se mostrar que o montante renunciado não afetará as metas de resultados fiscais previstas nas diretrizes ou estar acompanhado de medidas de compensação.

Essas medidas de compensação não poderiam ser, no nosso caso, aumentos de impostos. Ninguém gostaria disso. Mas, o executivo também não gostaria de ser acusado de não usar a Lei de Incentivo Cultural. Pega mal, perante as outras cidades. Caso os benefícios para a área cultural não estejam previstos como metas na LDO, um estudo detido poderá identificar que, a partir da utilização de recursos públicos incentivados, a) gera-se mais emprego e renda, b) movimenta-se a economia e c) amplia-se e movimenta-se arrecadação do estado ou município sem similar.

O administrador público possui diversos recursos a fim de comprovar os benefícios orçamentários da aplicação em cultura ao mesmo tempo em que fundamenta o apoio às

atividades culturais, já que a interface fiscal dos incentivos à cultura permite ao administrador esta sensibilidade e criatividade.

Exemplo: Mediante apresentação de certidão negativa de débito da empresa recebedora. Essa prática foi adotada pelo município de Londrina – ao mesmo tempo promoveu medidas para aumentar a arrecadação e incentivou o desenvolvimento cultural. Isso mostrou, para efeitos de LRF que os recursos aplicados em cultura voltaram para o município de forma indireta, é claro, tudo mediante estudo e planejamento. Incentivou-se a Cultura e cumpriu-se a lei.

Além da forma de incentivo à cultura como renúncia Fiscal, é necessário reforçar que o acesso à cultura é garantido pelo Estado conforme artigo 215 da CF. Prefeitos de municípios que concederem incentivos ou benefícios fiscais para uma ou mais empresas, sem respaldo na LRF, não está cometendo delito no conceito de crime. Se, no entanto, o estímulo estiver respaldado no artigo 14 da LRF, como se recomenda a qualquer hábil administrador – sábio e planejador – para o caso de leis de incentivo à cultura, não existirá qualquer delito por parte do administrador público.

“Quando a transparência é utilizada dentro da Federação brasileira como instrumento de criação de preferências administrativas saudáveis – como é o caso da Cultura - só tem a finalidade de beneficiar a população e de tornar eficaz a distribuição automática de recursos fiscais dentro do nosso país, o que transforma em positivos efeitos, até então nocivos, e mandamento constitucional.

Cabe agora ao Executivo Municipal refazer seus pensamentos e tornar o medo em qualidade administrativa, sabendo que o investimento é possível e a desculpa de ser enquadrado por crime Fiscal é apenas uma conversa que já não tem apoio, em face do estudo acima efetuado.

# ATUALIZANDO O TPM TEATRO POPULAR DE MOCOCA “ROGÉRIO CARDOSO”

---

A Indústria Cultural não é, ainda, uma realidade. Não é uma coisa, ainda, instalada. Mas há sementes plantadas. O ideal seria que todos plantassem as sementes em vez de nela pisarem.

Nós que plantamos as sementes oferecemos mais um ato dessa nossa enfadonha conferência do trabalho feito e quem nos acompanhar na jornada só não constatará que há aí uma obra se não quiser.

Já fizemos u levantamentos dos trabalhos do Coro Cidade de Mococa.

Segue abaixo um pouco da obra e da história do TPM – Teatro Popular de Mococa, incluindo agenda para os próximos dois meses.

1996

Coelho De Moraes chega do Rio de Janeiro – sem perder seus vínculos - para dirigir a Escola Municipal de Música Euclides Motta. Uma Escola legalizada desde 1982, sob lei, está claro, mas que nenhum governo teve a sensibilidade de oferta-la para a população, exceto o governo Toni Naufel. Vera Sandoval era Diretora do Departamento de Educação e o professor Paladini Coordenador de Cultura.

TPM – Teatro Popular de Mococa “Rogério Cardoso” (97)

GTE – Grupo de Teatro da Eletro (2007)

GRADA – Grupo de Arte Dramática de Arceburgo (97)

**DIRECION E GUION ESCÊNICOS – Argentina (82)**

ENCONTROS E DESENCONTROS NA ARTE CÊNICA CONTEMPORÂNEA: Funarte/UFF (96)

## **PRIMEIRA GERAÇÃO**

**1997**

Diretor da Escola de Artes Dramáticas e Musicais de Arceburgo – MG - Fevereiro.

"AS BACANTES", teatro, pelo GRADA, Grupo de Arte Dramática de Arceburgo, Junho.

"SONHOS", vídeo, produção e direção, texto de Borges, com o GRADA, Agosto-  
Novembro.

Festival de Varginha-MG. Setembro. Prêmios: Melhor Diretor, Melhor Trilha Sonora e Melhor Espetáculo.

Diretor e Fundador do TPM – Teatro Popular de Mococa “Rogério Cardoso”, Outubro.

Montagem de "NADIN NADINHA CONTRA O REI DE FULEIRÓ", GRADA - Dezembro.

**1998**

I Mostra de Vídeo (Curtas e Médias) – Janeiro.

"PROMETEU", teatro, pelo TEMA – Abril.

"PROMETEU", no Festival de Araras-SP - Mapa Cultural Paulista. Prêmio ator coadjuvante.

“AUTO DA BARCA DO INFERNO” – (Gil Vicente), Teatro, TEMA, Outubro.

"O CASARÃO AMARELO" - Indústria do Vídeo. Entre Setembro e Dezembro.

**1999**

II Mostra de Vídeo ( Curtas e Médias ) – Janeiro

"O ZELADOR " e "SITIADOS", Indústria do Vídeo – Março e Abril.

"AUTO DA BARCA" – Arceburgo, São João da Boa Vista e São José do Rio Pardo e Guaxupé, em Março e Abril, Maio e Junho. Tournê Regional do TEMA.

"AS BRUXAS", teatro, pelo GRADA, Maio.

"O ZELADOR II", Indústria do Vídeo, Junho.

**2000**

Montagem de "500, um Musical" – Abril – Compõe e executa como solista cantor

Montagem de "LUA NEGRA", estreando em S.J. da Boa Vista - Maio.

Diretor Artístico do Atelier de Artes KINDER – Preparação Vocal e Artes Cênicas.

Montagem de COMÉDIAS, pela TPM – Novembro.

**2001**

Início do Projeto GRADA-KINDER. Cursos de Música e Teatro para 40 jovens bolsistas.

"A MÁQUINA DO BEM E DO MAL", vídeo, Fevereiro, III Mostra de Vídeo

Montagem de "SEXO É COISA SÉRIA" – Teatro - Março

"SANTIFICAR AS FESTAS", vídeo, Março.

Montagem de "DEUS" – Teatro – Abril

Montagem de "COMPUTA, COMPUTADOR, COMPUTA" – Teatro – Junho.

Montagem de " O TARADO" – Teatro – Julho e Novembro em BH-MG

Direção de "REQUIEM AQUILLUS Q' CHORA" – Vídeo

**2002**

*A MORTE AO VIVO, TPM em Março*

*O SANTO INQUÉRITO, de Dias Gomes, TPM em Maio*

*O HOMEM DO PRINCÍPIO AO FIM, de Millôr Fernandes, TPM em Junho*

*Gravação de O AUTO DA BARCA DO INFERNO, de Gil Vicente pela Indústria do Vídeo*

**SEGUNDA GERAÇÃO****2003**

TRIÂNGULOS AMOROSOS –Albee e Silveira Sampaio, TPM em Março

MULHERES DESESPERADAS – de Edward Albee, TPM em Abril

RAMA & SITA, musical infantil baseado no Ramayana, TPM em Maio

ATEUS, VAGABUNDOS E LOUCOS, TPM em Maio

Tour de MULHERES DESESPERADAS pelo Sul, de Minas Gerais

Estréia JOSÉ DO EGITO, o musical, em Agosto – versão, arranjos

Obra: PROJETO ALFA – no SESC Campinas – solista em teatro-musicado - Novembro

Mapa Cultural em Dezembro, apresentação em Campinas

**2004**

*Mapa Cultural Paulista – fase regional – melhor direção, peça e atriz – Janeiro*

O LIVRO DO GENESIS, de Moisés e CDM – Teatro – Julho

RELAÇÕES AMOROSAS, de Allen, Jabor, Millôr e Veríssimo – teatro – Setembro

A LIÇÃO, de Ionesco – Outubro

**2005**

JESUS CRISTO SUPERSTAR, musical de Lloyd Webber – Março

TRÊS HOMENS BAIXOS, de Rodrigo Murat, teatro - Maio  
VIDA PRIVADA, de Mara Carvalho, teatro - Julho.

### **2006**

PRODUÇÃO do IV Forvm Regional de Cultural – em Mococa – Janeiro  
MULHER, OBJETO DE CAMA E MESA, vários autores, teatro, Maio  
CORRUPTOS E FELIZES, de Jorge Dumarescq, original “Bocas que Murmuram”,  
Dezembro

### **TERCEIRA GERAÇÃO**

#### **2007**

Coordenador do Núcleo de Difusão Cultural da FATEC – Faculdade Tecnologia do estado de SP, estabelecendo das bases do Teatro FATEC e Cinema FATEC, implantando o CineClube.

ANTROPOFAGIA, dramaturgia CDM – Abril

ŒDIPOUS TYRANNUS, baseado em Sófocles, com o GTE, Maio

#### **2008**

EU FAÇO A MINHA HISTÓRIA, baseado na obra de Marilu Alves / direção / Maio  
Coordenador do Núcleo de Difusão Cultural da FATEC – Faculdade Tecnologia do estado de SP, estabelecendo das bases do Teatro FATEC e Cinema FATEC, implantando o CineClube e Curso de Roteiro.

OFICINA DE TEATRO GUIOMAR NOVAES, encenador e aplicador da oficina JUL a O UT.

#### **2009**

NIETZSCHE NO PARAÍSO, texto de Nietzsche e dramaturgia Gerald Thomas / Grotowski,  
Março

### **QUARTA GERAÇÃO**

#### **2010**

A MORTE BÊBADA DA MORTE, de Miranda Junior e Woody Allen, - Fevereiro

---

## UM ENSAIO SOBRE VAN HELSING

---

Entretenimento, entretenimento, entretenimento... a indústria do cinema se posiciona, de forma clara. Não ambiciona outra coisa. Quando ambiciona, une a renda milionária da bilheteria com uma e outra novidade como foi a PAIXÃO do Mel.

VAN HELSING era um filme que estava demorando a aparecer por causa do carisma que essa personagem tem. Pena que tomou a frente de definir a saga de VAN HELSING o cinema cheio de truques e plástico em demasia.

Os produtores do VAN HELSING, filme, resolveram que em vez do místico-espiritualista VAN HELSING, houvesse ali mistura de tudo o que é herói, usando de liberdades poéticas inúteis. Exemplo: A CRIATURA do Dr. Victor Frankenstein morre, com ele, caindo de um Moinho. O que não é verdade, de acordo com a autora original. O que eu quero dizer é que: - Já que morreram mesmo, por que os autores do filme não fizeram como a idéia original, já que seus perseguidores eram vampiros que podiam tanto estar num aldeola qualquer, como nas geleiras do Ártico. Tanto faz. Ou seja, usaram de licença poética sem valor algum. Trocaram seis por meia dúzia.

Já BATMAN aparece nas primeiras seqüências, enquanto luta com um galhoifeiro e simiesco MR. HIDE, que de tão virtual e artificialmente construído me pareceu o antigo KING KONG feito de massinha de modelagem da década de 30. Levar a cena para Paris ocorre em perda de senso, a não ser que quisessem remeter ao Corcunda de Notre-Dame, ou, quem sabe, ao Fantasma do Ópera House, ou ainda usar parte do cenário do Moulin Rouge, já pronto, zipado em algum disquete nos estúdios de filmagem – Opa! – de edição. Depois, o Vaticano também virtual. Lá – pasmem todos! – VAN HELSING vai se confessar com um padre conivente com a mortandade. VAN HELSING é um Templário? Fica aí claro que o protagonista tem que colocar o mundo em ordem e destruir tudo o que é anormal ou desordenado, ou seja tudo aquilo que é diferente do usual. A Igreja Católica, por baixo do pano, parte para a solução final frente aos diferentes, usando para isso o Indiana Jones VAN HELSING. A desculpa: Os seres diferentes – os anões, coitados - eram todos criados por obras demoníacas.

James VAN Bond nos subsolos do Vaticanos. Lá, gente de tudo quanto é religião – ecumenismo da mais importante cepa - trabalha para estruturar armas e meios de destruir os desiguais – os monstros – os diferentes. Monges do Tibet e Judeus Ortodoxos se mesclam, com suas roupas características em um laboratório de pesquisa. O certo seria usar jaleco. De qualquer maneira os diferentes são os outros, os filhos do Capeta, os anormais e precisam ser destruídos por VELVERINE HELSING. Para ajudar JAMES HELSING temos um armeiro, um monge que ainda é frei – ou seja, licença para cometer besteiras – que faz o papel de Mr. Q, o armador de Bond. Ainda por cima o sujeito dá a dica de que construiu um reles artefato atômico, com as areias do deserto de Gobi, que todos nós leitores sabemos serem radiativas. No entanto, tanto quanto Caxambu. Quem sabe o sub-solo? No futuro esse artefato será útil para acabar com os vampiros, centenas deles que dançavam alegremente em uma festa, tanto pelo poder de fogo como pelo clarão deslumbrante.

O gótico permanece em tudo. Detalhes de cenários convivem com o digital da moderna técnica e as antigas pinturas de paredes. Mas vemos painéis de fotos em

arquivos j-peg projetados sobre as conhecidíssimas telas azuis na cena em que VAN HELSING chega na aldeia e há um cenário muito chapado no fundo, desmentindo o apuro do grupo de técnicos responsáveis. Ali usaram de solução simples. Uma foto contra o fundo, unidimensional. Basta! A ilusão se faz

Ainda não entendi o motivo pelo qual os romenos aqueles falavam inglês com sotaque. Como seria dublado?

A múmia não apareceu mas o LOBISOMEM sim, aliás, de importância cabal na obra. É através do LOBISOMEM que o outro lado de VAN HELSING HIDE vai brotar e expor a sua HARMATIA – a falha trágica da personagem – pois, o herói, tendo sido mordido por um Lobisomem, se tornará ele mesmo um similar. Vejo aí o lobo saindo de dentro do lobo-homem. Uma outra citação são os casulos de ALIENS anacrônicos que não vingam.

Curioso, e isso me vem agora, vejo que do herói não brota muita coisa ao lado da mocinha arranjadinha ali do lado, mas, depois da mordida do outro Lobisomem coisa acontecem, coisas mudam... Trágicas e mais estranhas.

Por fim: DÁCULA. Deve-se aplaudir a construção das vampiras digitais que voam. Muito bem elaboradas e fluidas na sua espectralidade volátil e perolada. Gostei delas. Muito terríveis e más. Um pouco lerdas nas decisões. E, mesmo o Drácula, eu o vi bem diferente dos demais. O ator criou um Drácula no estilo expressionismo alemão e mesmo com trejeitos e modos de agir das Operetas de final do século 19, que é mais ou menos a época em que rola a história. Aquele leve sorriso de deboche teria algum significado dramático? Quanto tempo se levou para construir a Torre Eiffel?

A CRIATURA retorna. Um cara muito gozado, fortíssimo que não consegue escapar das correntes e desmaia ao primeiro dardo que o VAN TUPINAMBÁ HELSING lhe sopra.

Algo me diz que esses produtores são uns iconoclastas.

Como se pode imaginar e prever e saber de antemão. VAN HELSING, inimigo do Conde Vlad, mordido de raiva pelo Lobisomen, no aparecer de uma LUA CHEIA que ali estava de plantão, se transforma em terrível carnívoro lépido e raivoso - antagonico às mulheres Liliths que só aprecem na LUA NOVA. E, de acordo com a duvidosa teoria do monge que seguiu HELSING, como Adso segue Guilherme n'O NOME DA ROSA, lobisomens são os únicos que matam Dráculas. Não se sabe de onde ele tirou isso. Provavelmente da cabeça de uns dos produtores do filme. Ora, partindo desse princípio estarecedor, podemos concluir que onde há Lobisomem há Drácula e Vampiros. E baseado nisso eu me pergunto: O que será de Arceburgo? - Mas isso é outro assunto.

No entanto o filme, que começa galhofeiro, termina com a tragédia. A catástrofe se abala sobre as consciências – a presunção e soberba e orgulho do protagonista EX VAN HELSING MAN – causa a morte da mocinha. Eis aí o momento trágico do filme. Inesperado, eu poderia dizer, principalmente para quem assistiu o filme antes de ler esse ensaio.

Mas o que importa é como o filme foi feito e não a história que, enfim, todas são banais e simplórias nesse tipo de obra. Afinal, isso é entretenimento, entretenimento... entretenimento.

## UMA ESTRATÉGIA PETECA

---

Há quem chame isso de coerência política ou, como se disse por aqui, “cada um vê como é a realidade de sua região e faz as coligações que achar melhor”. A última frase é uma desculpa para se cometer as maiores besteiras. Ou as grandes jogadas.

Na eleição 2000 o PT saiu sozinho e tínhamos o Executivo da época como “aquele em que não se chuta, de modo algum”, ou seja, cachorro morto, no jargão popular. Hoje vemos na TV local o representante do executivo daquela época de braços dados com o PT do momento.

Deram o nome – a isso - de estratégia política.

Em conversa com um membro do primeiro time do PT de plantão foi dito que a título de estratégia o PT se ligava ao PMDB por que um partido tinha dinheiro e o outro partido não. Mais estratégia...

Se, porventura, o PT vencer as eleições, quem dará as cartas, nesse caso? Sim, pois, se for verdade o uso dessa modalidade de estratégia, ocorre que nisso que chamam política, em geral, vale muito essa coisa de se ter mais ou menos dinheiro. O coronel é sempre o dono da maior fazenda e daí para baixo as patentes vão se hierarquizando. Em geral quem tem o dinheiro é quem dá as cartas, mesmo porque os petistas locais não são líderes de coisa alguma, carentes assim de um poder real. Na hierarquia do coronelato interiorano não passam de Sargentos. Avulta o poder virtual. Falta ali um certo charme. Um certo “panache”. Uma certa credibilidade. O que temos é uma boa dose de novos “militantes” que encontraram no PT um partido correto, sem deslizes, bem moral, sem rebeldias, tedioso, legal, monótono, alheio aos arroubos dos poetas e artistas, ou seja, um partido bem chato, isento de pensamento crítico, sem penetração em qualquer segmento social, um partido que não causa mais nenhum medo na elite, portanto, um partido apto a receber os neo-petistas. Já que o partido perdeu o seu ar radical pode, certamente, envolver em seu seio uma gama mais ampla de “militantes” menos ortodoxos. E aqueles que se chamam xiitas – assim se acham – estarão sempre dispostos a conceder licenças e orações no final da reunião.

Petistas de última hora, enfim. Quanto tempo durarão? Uma eleição?

Outro método da tal estratégia é deixar de lado, por pura burocracia, nomes que evidentemente teriam uma performance mais interessante nesse pleito. Pura vaidade. O PT está lançando fora não só membros ativos, no sentido amplo do conhecimento político, como também jogando dinheiro pela janela, pois gastou-se com treinamento e publicações e viagens e representatividade. Além do mais, conta por conta, dois ou três dos atuais candidatos não somarão em votos o que uma antiga militante, educadora, proba, formadora política, sozinha terá. E isso, parece, é mais um sucedâneo da estratégia petista para esse ano: perder valores.

Parece... outra vez parece... que, em nome da vaidade o PT não quer ver outros nomes garantirem seus votos em detrimento daqueles que se chamam “históricos”. E há que se ter muito cuidado nessa historicidade para não parecer coisa de Museu. Exemplo: O atual candidato majoritário, “histórico”, já declarou que não se candidata a vereador por que o salário é menor: só interessa pleitos para deputado e executivo municipal. Declarou também que Projetos de Cultura – essas coisas – ele manda logo pra gaveta. Eis aí não só um “histórico” como também “ante-diluviano”. Sem contar os iludidos

com sua representatividade nesse ou naquele sub-distrito. Maya. Ilusão. Sonhos e Quimeras.

É assim que o PT anda. Ou melhor, devaneia sonambúlico.

Há grande possibilidade de que os valorosos candidatos acabem por eleger, com seus votos somados, alguns candidatos da coligação, mais experientes em eleições e com certa soma de votos próprios já garantidos. Mas, talvez isso faça parte da tal estratégia. Reavivar cães.

De quem será mesmo a maravilhosa estratégia?

# PIRATAS EM MOCOCA

## MOÇÃO DE REPÚDIO

---

### **DIA UM**

#### **O TESTIMÔNIO!**

O primeiro mandamento pra quando você quer ficar com as barbas de molho e usar grandes lentes de contato. Às vezes tais lentes se confundem com emissoras de TV. Vitrine oportunista onde se fala o que se quer e, em tese, não há críticos, pelo menos, não críticos capazes. Fazer alguma coisa errada é bom, e isso é tese política das mais ilustrativas nas bandas de Muganga. Fazer muita coisa errada é ótimo pois isso traz benefícios ao políticos em questão, além de grande gradiente de respeitabilidade perante os ignaros eleitores. Isso ocorre em Muganga. Muganga é a nossa Macondo e longe do ambiente de realismo fantástico, o que temos é realidade nua e crua. É necessário livrar-se de toda e qualquer testemunha. É preciso cercar-se de bajuladores de todas as horas e de pobres e infantis servidores públicos que acham tudo legal, ou, no mínimo, mantêm a profissão de omissos. Ficar de olho em câmeras de vigilância, é perda de tempo, quando se trata de uma cidade que planta vacas por aí e não cuida de seus cafezais. Livrar-se de pessoas críticas, polêmicas, contundentes, e deixar o fogo das queimadas se alastrar, pois o mato cresce sempre.

Foi exatamente isso que fizeram ativistas políticos locais, durante suas caminhadas pelo pleitos de todas as épocas, tirante uma ou outra personagem que em tão menor quantidade não altera a realidade da cousa.

Fenomenal! Estratosférico! Vai que o bicho resolve dar com a língua nos dentes... Em Muganga estampada de púrpura e vaidades, há animais de todo o tipo e naípe. Alguns alcançam altos postos, mas outros permanecem onde estão. Aqui a cousa funciona assim. A cidade está preocupada com o problema da segurança. Conclama-se a comunidade, as instituições, os notáveis, monta-se um circo na Câmara de Vereadores, numa noite de muito calor e tome discussão. Todos falam, palpitam e são donos de verdades. Parte-se para uma ação. Mandem suas idéias e veremos o que será feito, diz a presidência do evento. Bem. Fiz o que pediram. Levei idéias e me pus à disposição. Vária vezes fui ao local central de entrega de idéias e projetos, que era a Associação Comercial e Industrial local. Nada. Só o meu, em meses, estive ali. E a cousa escoou. Um côco furado. Isso tudo rolou no ano 2000. Era tempo de eleição e muita gente quis aparecer. Só.

### **DIA DOIS**

#### **Sexo espiritual**

Há motivos que nos induzem a prática obscenas. Uma delas é a espiritualidade. Você já ouviu falar em motel especial para mentes e almas? Ninguém ouviu. Mas, sabe, quando se discute o problema da química entre amantes... O que será que acontece quando se conhece alguém? Não existe nada de espantoso nisso tudo mesmo... Mas, também, ninguém sabe de nada... A pessoal olha você e você a olha e surge o interesse. Será que o fenômeno da observação da alma ocorre imediatamente? É como o Allen em sua prova de metafísica, expulso da sala por ter sido pego colando... ele estava olhando para a alma

da aluna a ao lado? E na falta de uma alma a lado? Como se explica a intenção animal numa visão primeira, em um à primeira vista?

Provavelmente não passa de uma resposta imediata da biologia e o clamor da manutenção das espécies. Sim. Nada de amor. Não é disso que estamos falando. Amor é para todos e com todos. Amor e sexo são cousas diferentes. É claro se busca uma aliança entre iguais, ou ainda, um compromisso para manter um estado de equilíbrio, que é prática comum nas sociedades e a cultura manda, mas, nada disso tem a ver com amor. O assunto é bem outro.

No clamor da carne o que se quer é coito.

De preferência com alguém que responde aos seus valores estéticos.

Se houver coincidência nos gostos certamente rolará algo.

Se não houver, que é o que ocorre na maioria das vezes, nada rola e parte-se para outra, que é o que ocorre na maioria das vezes.

Os sensores animais percebem a boa genética e um bom desenho de corpo.

Quando há união entre desastres estéticos - segundo a moda vigente - o que chamam de amor será eufemismo para tolerância mútua, cercada por ambiente de resignação e acomodação final - que é próprio de humanos.

Uma gorda e um careca, por exemplo. A moda não pede isso e eu duvido que as pessoas estão falando de valores da alma. As pessoas não falam disso. Nem pensam nisso. Nem pensam em nada.

Eles estão se precavendo de solidão, que as pessoas ainda encaram como uma situação de fim do mundo e querem se livrar da possibilidade. Nada sabem sobre isso e podem é estar se livrando, também, da possibilidade de se criar algo. Criar no sentido da arte.

Amor romântico fica para os anjos e para o século 8, 9, 10... e por aí vai, com capacete de metal e tudo mais.

# PIRATAS PERDIDOS

## e algumas repetições para os desmemoriados antigamente blog era “meu diário”

---

### **Dia Um, como se nascesse**

Perdidos entre beijos e abraços nostálgicos eu e RoseBraga resolvemos comer a pizza do sábado. Assim se começa um conto comum e vulgar. Terá começo meio e fim?

Com quantos dígitos veremos no ar as aves de arribação? Como se conheceram a América e o jovem melindroso perseguido pelo destino? O episódio foi de uma banalidade comovedora, e envolveu uma pulseira perdida e um mal-entendido. Menos irrelevante será talvez relatar como sucedeu a revelação de que eles partilhavam algo mais do que a vontade indomável de transformar a Mogiana (de Pinhal a Mococa) num imenso palco para os trânsitos e brados de Pentésiléia e de Aquiles e de toda fauna de Vereadores que já ocuparam, e ocupam, as cadeiras da Câmara... tais cadeiras aceitam quaisquer tipos de bundas... bundas dorminhocas, bundas vagais, vagabundas, bundas perdulárias, bundas de futuros prefeitos e não há nada que tenham construído a não ser a capacidade de observar o tempo passar, pois tudo o que pretendem haver construído existiria assim mesmo, sem interferência dos tais parlamentares. Mas a história é feita desses equívocos, e dessas bundas vazias, ou dessas estórias.

Valha-me Alexandre, o Herculano, que propunha uma bunda como cousa vulgar e nada mais.

Foi quando o povo da cidade, tendo eleito por duas vezes ou três vezes padres e analfabetos, fessos isso e aquilo, pró-rogos e vicariato sem vergonha para um projeto Cura cuja eternidade se desdobra além de nossa lucidez, em piscinas inúteis e adulteradas, em clubinhos populares para agrado da multidão faminta e burra... tardia também, revelou que não saberia o que escolher, caso houvesse escolha: a felicidade ignorante e feia ou a lucidez feliz e desavergonhada, profunda e permanente sobre as razões e timbres da infelicidade. COELHO, não o do Updike, sentia o mesmo, e estas coisas criam um vínculo menos quebradiço do que um passado de banco de escola ou de caserna partilhada. Mas as cousas não se ficam por aqui, há também a paixão comum pela gastronomia do sul de minas, o "segredo mais bem guardado da cozinha mineira", talvez. Perdições entre pamonhas e curaus...

### **Dia dois, e Kafka na panela**

Terça-feira e é dia marcado para o cinema. Eu e RoseBraga, vinte horas pouco mais sairemos do Jardim São Luiz, Cinemateca. A marcar em todas as agendas e datas de passagem: Ver e rever O Cozinheiro, o Ladrão, Sua mulher e Sua amante, mas não se deve passar sem o Bebê Santo de Macon, ou ainda A Tempestade, já que falamos sempre de um Pedro CaminhoVerde, autor de obras primas. Todas suas obras serão primas? Nada disso porém passa pela cabeça de mocoquenses. A eles se permite dormir em música que dizem ser sertanejas... mas, limitam-se a nos deixarem Zen – Zen paciência. A saga das testas cobertas de galhos, as dores de cotovelo, a choradeira de trouxas alcoólicos esparramados nos bares do Descanso, por exemplo, enquanto as vacas mugem ao longe e de longe se vê um por-de-sol flagrado entre cambiante de violenta e

um sulferino. Isso antes. Agora, hora noturna e pouco fria, nos sentiremos aquecidos no cinema. Enquanto não chega a hora de despejar do trono o alcaide apedeuta e sua corja de lambões e lambe-sacos, enquanto a saga do senhor sem anéis não se der à mostra, contentemo-nos com as glórias passadas, idas e desguarnecidas de qualquer atavio.

### **Dia três, enquanto as chuvas disparam**

Por favor, tentem compreender. Ou não! Não julgamos, sim julgamos como cousa de puro oiro, mas, não condenamos, sim, sim, condenemos, enfim para outras terras e exclusões maravilhosas, porém, não pratiquemos o ostracismo, entre estranhos em terras estranhas, contudo enviemos para o exílio as piores de nossas malfadadas idéias. Em Mococa, Macondo e outras terras, idéias não servem para nada. Não é uma questão de fundamentalismo, nem islamismo, nem alcoranismo, nem xiitismo, podendo ser shiitismo dos ingleses em que tudo se transforma em merda, como por exemplo a cultura de uma cidade como a nossa – como orgulhosa cidade do interior, tudo se transforma em bosta; não é uma questão de atropelo a qualquer direito natural. Apenas pedimos respeito e consideração. Reclamamos somente o direito ao nosso quinhão cotidiano de ar relativamente puro. É só isto. Há espaço para todo mundo mas você fica bem de verde, quando engole sua fumaça e se transforma em um saco podre de câncer. Você merece.

### **Dia quatro, um momento no viés**

REPÚBLICA 70 RIACHUELO: Por lá passaram SemiDeus, Bado, Preto, Mandrake, Pancada, o caro CDF, o Zize, o Vasconcelos de São José do Rio Pardo, onde muita gente grada ia mijar nos bailes, e na devolução, o mijo de SanZé vinha em retorno, além da quebradeira de copos, corpos e vidros e janelas... bailes e brigas... esses entre outros. Indicaram-me recentemente dois fatos com relevância republicana assinalável.

Eu e RoseBraga, na manhã, ouvíamos tais histórias, comendo muito requeijão e pão preto.

No sítio de não sei que pessoa duas amigas, íntimas amigas, amantes amigas da mais pura sociedade mocoquense se mataram pois seu amor não era permitido pela sociedade da época... Seria agora?... isso entre outras cousas... entre outras coisas, leio textos cujo teor denota uma das mais louváveis atividades que conheço:hoje vejo que meu partido político se mistura com os demais... Culpa minha? e, se deve perguntar, por que fomos tão cegos? Já não se misturavam antes? Não vimos? Éramos coniventes?... concordata. Para além destes temas de óbvia e lamentável atualidade, muitos outros são abordados, investido de uma grande e magnífica opulência. Falece o comediante mas a piada continua com a laicidade e os valores republicanos (ou as suas violações) como denominador comum.

Tenho ocasião de exprimir desconforto ao vocábulo "partidários" e seus derivados. A lógica de negação partidária, re-fundação de outra vertente, mudando o nome da estrela, ou no mais, nomeado a estrela para SOL, e contestação que lhe está implícita parece-me, em certas ocasiões, poder tornar-se contraproducente, no entanto há um barco para se navegar e é nesse caminho que vamos. Talvez com mais espaço, para desatinos e desvarios e devaneios...

### **Dia 5, enquanto a água não me chega aos pés**

ANÚNCIOS De outros tempos: Este é velho como muita gente da cidade... Parada no tempo antigo como muita gente da cidade... Tem muitos que ainda choram por uma fonte dos Amores que nunca conheceram corretamente... Teriam saudades dos pernilongos? Ou do mal cheiro? Ou ainda dos lacerdinhas que infestavam nossos cabelos? Vá saber!!... antiquinhos. Metade desse se maquiam de jornalistas e desabam palavras nas linhas tortuosas de uma imprensa que odeia concorrentes. Quem se lembra deles  
ainda?

Mas, o filme continua: Inseticida Banzé, cuidado para não matar o cão também: E a velha tinha moscas... e as moscas orbitavam... sobre a velha voltavam...lá na casa suja e limpa...Morriam as moscas, matavam a velha... A velha dizia... bradava... ninguém ouvia... banzé, banzai! Flavinho corria no quintal, acorria atrás dos balões e gritava banzai!banzé... Contras as moscas bato o pé! Festa Junina!

Sabem, aquela velha que dá um pontapé no balde?

Esquece, tal velha não existe... velhos são comodistas...

### **Dia seis, encontro em XANADU**

VERSOS PORQUE NÃO: Gritam como facas/ Urram como focas / Ladram por espelhos apressados, afiados, mercurados, argentados / Façam como gritam/ Focam as luzes da vitrine / à roda do edifício.

Teresa diz-me que procuram nas frutas a mais límpida das drosófilas / o mel / o açúcar / as borboletas de alentejo / alémpardo / alémdalendaaloja.

Alerta, mulher! Vocativo nas cercanias:

que eu não deixe bananas dormirem ao relento / pois podres a teremos sobre a mesa da cozinha / os pobres as terão / cento e tanto o quilo

Mas, como esconderás lágrimas repisadas / os olhos repisados

o doce à tona de meus olhos / a fragrância perdida de uma noite tonta quando, no escuro dos quartos e da sala / sem lua ou fruta dispersa

A não ser o pêssego salgado em nossas bocas /

diferentemente dos morcegos / igualmente aos maneios definidos

quero e não sei o que quero / mas finjo saber sem ao menos deitar fogo

E quero que amanheça / assim na noite / eu nada enxergo / meio cinza

e quero não morrer / com a mão enfiada em sua vulva...

Então... Tá bom!

### **Dia sete, durante um saque de colinas**

HILDA, um furacão?: A professora, preocupada com seu alunos não percebe que entre eles há simples idiotas que dão trabalho e não darão mais nada. Mas são crianças e todos sentem pena. Das múmias "sósias" e a atitude desgovernada do corpo discente traz sonhos intranquilos. Será que Hilda também assistiu à encenação da peça "Anfitrião" no Porto, ou em Andaluzia, ou ainda em São Paulo, capital, ou em Itobi, onde nada acontece e a palavra NIHIL é tão pesada que parece com algo que já vimos? E será este um sintoma de que o ideário e vocabulário das moças e dos moços de todo um sempre não passam de ideários sangrentos de passados em meio a tinieblas entre párpados comovidos? Valha-me Neruda. Saudades de Troisi. Capitão Tornado somos nós... saltimbacos. E que começam finalmente a infiltrar-se no discurso político das hostes e dos hotentotes mortos de fome na cidade das vacas imperiais?

**Dia oito, maravilhado com a grama por cortar**

O MEU DIA DE FLORECÊNCIA: Nem adianta relembrar... não foi lá mas foi no Rio de Janeiro fica assim. Formosíssimas bodas reais, as minhas? Falta de parentes, a não ser os fiéis Giordanos e, vacas que voem, nenhum Coelho De Moraes. Megafestivais de música cantada por vozes que amam Tomás Luiz de Victória ou Ernani Aguiar, e o padre, paciente, escutou e gostou, mesmo porque a noiva chegou na hora e isso é muito raro. A noiva chorou e isso é muito comovida. Gostaria que fosse por causa da comoção do casamento, mas, ela mesma disse, não foi. Quando chegou à Igreja de braços com seu Jeuvani ela viu que a Igreja estava vazia de convidados. Isso o quer dá noiva chegar na hora. Escolhas nossas: Minhas e de RoseBraga. Bodas na Igreja do Santuário das Almas, idos de 82, Verão, e uma chuva torrencial que nos atingiu na Lua de Mel, Lua das Águas, Nuvens grávidas. Eleições? Campeonatos de pontapé na bola? E então o **Dia da Florecência**, ninguém fala nele? Faltam pouco mais de duas semanas para o 18 de Dezembro, em que passarão vinte e cinco anos sobre o dia que inspirou James Joyce para escrever suas palavras indecentes de amor à sua mulher, uma das mais. Durante anos, alimentei a ilusão de que passaria esse dia em Nova Friburgo, na peripatética, orgástica companhia da mulher em noites de coitos, relembrando aquilo que não foi por causa das chuvas torrenciais e as panelas de esmalte lascado... aficionados. As obrigações da vidinha levam a outro destino: Nictheroy, talvez. Como o pai do Marquinho era de origem mineira de Milagres, isto significa que estarei mais perto das origens do romance das navalhas e das cerdas luminosas de cabelos alegres, do que todos aqueles que cumprirão a peregrinação aos descampados das vidas passadas! (Cada um arranja as consolações que pode...) Para a Sousinha, "Assim Falava Zaratustra" foi composto por Strauss. Alguém ofereça rapidamente à Sousinha a versão integral da obra, pois vale a pena caminhar por tais sons, lendo a obra do filósofo... Basta abrir no "S", de Strauss, e toda a verdade será revelada, como numa epifania à qual não faltarão resmas, lesmas e tresmas de querubins.

**Dia nove, e os sapatos estão apertados**

DE ANFITRIÕES E HÓSPEDES: Há um aspecto que eu acho sublime na peça O NAMORO, apresentada no Theatro Municipal, enquanto 2005 se ia passando, e a turma irrequieta do Cilso e Cia adejava suas asas cortadas naquilo que eles supunham ser "ARTE". Indiscutivelmente era cênico, pois eles, nunca obscenos, pois não se acomodavam em esconder-se em hipótese alguma, se bem que muita gente da platéia, mesmo que mentalmente, pedia por isso, mas, indiscutivelmente, também, não era arte. Faltava a tekne grega e um pouco de alfabetização por parte dos atores. É muito comum essa mistura de se acreditar que saber ler umas poucas linhas é saber-se alfabetizado. Ledo engano. Talvez a encenação tacanha da peça aquela, onde se salientava uma histérica aos berros, principalmente quando se sentava num bidê, o fosse tacanha de propósito, ou no limite, no limite da sensibilidade dos juvenzinhos tarados. Perante Alcmena, Júpiter-Cilso não é apenas o deus decaído do Olimpo, e, nem a moreninha Taty (lê-se Tatsy, fazendo um biquinho) e nem a loirinha orgástica Monique sofressem de algo irreparável em seus cérebros, porém, discordo da conduta de fazer sofrer à platéia, afinal a platéia pagou... Mas, antes, orgasticismo é coisa boa em Teatro e fora dele. Dá um certo toque libertino e isso é muito bom, principalmente para sátiros como nós, ávidos de olharmos abundados em salivação generosa. Isso nos faz descer à terra – nós, semi-deuses - tomados de furiosa e ardilosa luxúria conquistadora: mas eu duvido, mesmo

exibindo forma humana que a trupe Cilseana nos levasse a deseja-los mais do que se quer um pé de couve. Estavam vulneráveis em gritos agudos e tormentos atrozes do amor-próprio, enfatizando a falta de capacidade de fazer coincidir a neurologia e a linguística; criaturas que aspiram o Olimpo não podem lambar barro nem serem amadas por aquilo que são, e não pelo estatuto ou pelo invólucro. Mas o bardo não me larga. Sestro de ilusões. Esta ânsia de ver adequadas junções pediria uma atitude de dúvida, logo de submissão perante a única pessoa capaz de lhe oferecer a resposta pretendida. Bastava perguntar: - Está bom, caro Mestre? E eu logo daria a resposta. Mas, não. Copiam a mim e querem fazer pose de arrogantes ou convencidos. Desistam, eu digo! Esta subversão, muda e transiente, da relação de forças exigiria uma solução de continuidade, uma quebra deliberada de ritmo. Há momentos em que se deve ajoelhar e rezar... olhando de soslaio para quem vem do Ocidente. O único momento de fraqueza do deus supremo parece demasiado precioso para não ser matéria prima de alguma coisa. É preciso forjar caminhos a cada momento e verificar o que o Mestre está fazendo ou pensando. A sombra do Mestre pode ser tudo. É disto que se alimentam a ficção, o drama e o ensaio do mundo inteiro: no quesito ensaios a trupe Cilseana ensaia para errar mais e a cada vez que repetem a cena fica pior. Uma certa vez, em um desses momentos infernais em que vemos a boca do poço olhando de baixo, estava ensaiando três deles em uma montagem interessante. Era uma doação da minha parte. Da parte deles era transfusão de sangue. E um sangue raro, AB-. Eles precisavam, rapidamente e em doses certas de direção. Fábio, lá um deles, disse uma palavra em cena da qual não sabia o significado. Fábio este teve a ousadia de dizer que procurou procurou e não achou o significado. Pelo que sei qualquer dicionário tem essa palavra entre seus verbetes. É uma palavra comum... Imberbe... Jovem imberbe... Era só abrir um livro destes. Na verdade não havia lido coisa alguma, não havia procurado palavra alguma e só se viu em palpos de aranha quando perguntei o significado do tal vocábulo. Ator que fala a palavra sem saber o que ela significa pode ser chamado de ator? O que é isso? Feeling ou burrice? Parece ser um método. O paradoxo que resulta da comparação entre duas forças – inteligência aguda e burrice crônica - aproximadamente equipotentes, e que, pela natureza, nenhuma construção teórica conseguirá cotejar eficazmente, pode ser solucionado com a fuga imediata desses pseudo atores dos palcos, de modo geral, e uma abertura imediata de empregos em outros ramos do trabalho: contabilidade, comércio, mercearia, só para citar alguns, que não causarão dano nenhum à sensibilidade da humanidade. Direitos naturais do indivíduo *versus* coesão de uma sociedade que aprendeu a viver com a sua iniquidade, fala-se de um, rouba-se de todos, moral burguesa *versus* cegueira aleatória dos instintos, vírus letal da apedêutica contemporânea, violência sancionada pelo Estado *versus* violência desenfreada da paixão: conflitos que só na vida se encenam, e se evitam teatros e cinemas da vida, intratáveis, demasiado escandalosos. O que está em jogo é a intersecção entre os trâmites da honra e da felicidade humana, por um lado, e a arbitrariedade absoluta dos designios olímpicos. Pior: estarem sob o apoio das asas de uma galinha que não põe ovos. Uma agente cultural que é incapaz de ter idéias. Os tais da cilseana trupe cênica, como colonizados que são, depositam nas mãos da Rainha das Massas (massa que não o povo, mas, canelones, farfalas, espaguetes), o que só torna mais fascinante as raras ocasiões em que o Júpiter dos caprichos e do poder infinito cede à tentação de se comparar aos cânones mortais. Imortais, todos eles

imortais, posto que são chama e perdurarão enquanto houver insanos nos planetas. Já não chega o poder de se metamorfosear? Com certeza que não. Júpiter-Cilso quer tudo: a máscara, o proveito, a essência e o reconhecimento, as preposições e todas as locuções do vernáculo, sem mesmo saber falar o português correto.

### **Dia dez, e o centro do Universo se desloca**

UM REAL PODE ESCONDER OUTRO: Pensar o ofício poético, coberto de razões sazonais e entre outras coisas e tais, é coisa que, aliás, só não fazem aqueles que crêem em excesso nas virtudes da espontaneidade, o que é mera falta do que fazer enquanto livre, e de uma inspiração colhida ao sabor dos fatos da vida, das facas da vida, dos focas da vida, das festas da vida, que, como se sabe, não são, à partida, fatos poéticos. Ser livre é duro e divertido.

### **Dia onze, entre uma e outra golfada de vômito**

LEITURAS EM LUGARES PÚBLICOS: Escrevo todos os dias pois roubo memórias e idéias todos os dias. Não posso deixar que se acumulem em minha cabeça. Elas saem pelo conduto auditivo. Na linha verde do metropolitano, uma jovem lia "O Cavaleiro da Triste Figura", um livro, na verdade inexistente, talvez o meu preferido da trilogia "Os Vossos Antepassados e os Moinhos de Vento", de Jean Covan. Jean Covan faleceu sem ter escrito o tal livro e por isso, faço esse comentário em cima de uma idéia que não é minha, propriamente, é minha impropriamente e isso basta. Se ela – RoseBraga - estiver a ler isto, espero que tenha já acabado com o livro, se possível a pedradas, pois eu vou revelar o fim.

O herói morre no começo. Eu falei do futuro e muitas vezes o passado apareceu primeiro, e por vezes do presente quando, nos momentos mais agitados, tediosos e movediços, quando se era preciso viver a todo custo, o herói se apoderava da minha mão. Mas eis que salto para a sela do teu cavalo e fujo em desabalada carreira, em direção ao por do sol. Que novos pendões, bandeiras desfraldadas ao vento, moinhos melhores e dolorosos, me agitas das ameias das torres de cidades ainda não fundadas? Que fogo devastador rolará dos castelos sem que a piedade dos dragões nos comova até o cerne, que fogo desarvorado surgirá das ameias e dos jardins que eu amava? Que idades de ouro imprevisíveis me preparas tu, donzela da cor de jambo, olhos de amêndoas frescas, ampla lordose lombar em que me encantas com teu rebolado maroto? Só tu mal governada, tu, buscadora de tesouros pagos a preço tão caro, escondidos dentro de mim, envolto pelas ilhargas, tu, meu reino a conquistar, furor entre mares e ventos violáceos que vejo daqui de cima, tempestades violáceas...

### **Dia doze, em meio à fraga e rochedos**

SOMOS TODOS REPUBLICANOS: Eu também celebrei o luto da nação quando Delúbio mequetrefe vociferou os dinheiros escondidos e escandidos a cinzel, no passado sábado, escutando uma canção de Buarque que me pareceu adequar-se com rara felicidade ao efeito. Tal voz e tal vez me fez a mim e RoseBraga a sabiamente decidirmos pelo afastamento do partido. Desfiliarmo-nos, se não ficou claro. Deixar o que resta de migalhas para profissionais do ramo.

No entanto, esquinas abaixo, enquanto o sol me castigava o bestunto e meus olhos não enxergavam coisa alguma o Naufel me para, amparado pela prata de seu automóvel e pede meu apoio.

O chefe recomenda vol. 3: No Boulevard, escreve-se sobre ciência, ciência do chopp e pastéis, complexidade absoluta, e outras cousas igualmente calientes. Prefiro pastel de palmito. Um espaço já com tradições e justa reputação, mesmo sabendo que rouba-se muito pássaro do IBAMA e faz-se grandes transportes de armas, mantendo a descrição e a falta de arrependimento numa única tacada, que porém só há pouco comecei a perceber com maior regularidade. Canta-se muita MPB.

Na rua encontrei o Naufel, já disse, e disse-lhe, agora, que subirei no palanque dele, se assim ele desejar, é claro. Houve troca mútua de augúrios. Há reuniões. Há talentos e estúpidos à bordo de palanques vários, mas eu e RoseBraga, estaremos de alma limpa.

O carro dele brilhava a prata. Era um relâmpago, eu acho.

### **Dia treze, segundo os alcorões de lá, ou de Alá**

- Sempre que escuto uma canção de Caetano, penso nos pontos de vista mutantes e alternantes que ele tem. A tietagem maluca sugere sapiência, mas eu acho que o sujeito faz de propósito – sempre o fez. Se você pergunta A ele responde B. E só. A polêmica fica por tua conta. Preste atenção nos pontos em que ele suspira. É uma coisa que não se consegue evitar.

- É um reflexo muito comum – disse-me Dom Pedro II.

- De cada vez, tento fazer um esforço, de cada vez, para pensar apenas na música, mas um esforço de cada vez é pouco pois o mundo é muito esforço de cada vez ao mesmo tempo, e nas palavras simultâneas me encontro em pior situação, mas é impossível ignorar as respirações.

- É um reflexo mais comum do que pensas – disse Pedro de Alcântara, pensando na Guerra do Paraguai e nos seis mil contos de réis.

- Mas parece, dizem os exegetas da nova música digital, que é fácil retirar os ruídos respiratórios das gravações. Talvez retirar os pensamentos, também.

- Não é tão simples como isso – disse Pedro, enquanto contabilizava os 33 mil mortos nas terras de Solano.

- Disseram-me, os exegetas da nova música digital, que hoje chamam de ultra música, que basta uma operação simples de pós-produção, no entanto, eu questiono se temos audição e poder acústico suficiente para perceber tudo isso.

- É uma tarefa complicada – ele falava, ao mesmo tempo que olhava súplice para Rotchild, o banqueiro – muito difícil, aliás, remover por completo a respiração. A pessoa pode morrer, se remover a respiração. Não é tão simples quanto se possa pensar.

- Fico a cismar nas respirações – e isso eu deixei bem claro. - Quando prestamos atenção, da forma que os exegetas exigem que façamos, parece que não há mais nada a não ser respiração. E isso me irrita profundamente.

- É um reflexo muito normal – ele, Pedro, esclareceu, vermelho de raiva ao ouvir as cifras do banco de Baring - e, quanto mais tentas evitá-lo, mais nele incorres. É como eu e minhas decisões políticas.

- Se não desejassem que as inspirações e expirações fossem tão nítidas, se não quisessem, os exegetas, que se provasse a todo custo que Caetano está vivo, tão dominante, teriam arranjado maneira de as eliminar, não acha isso certo?

- É mais complicado do que parece – respondeu Pedro ao mesmo tempo que batia na mão do banqueiro que enchia uma malote com barras ouro.

- Contaram-me, minuto a minuto, que bastavam cinco minutos, e eu acreditei, e disseram que é tão fácil como dizer bom dia. Mas, já se foram dez.

- É normal – Pedro soltou um sorriso estranho mas, contundente, pois tomava da pena de ganso e passava a escrever recibos vários – é normal repararmos na respiração. É um instinto.
- Percebi, meu caro Dom, que nenhuma inspiração é igual à seguinte. E Caetano tem dons de soltar currucucús palômicos, entre bares de Almodóvar e outros tantos, não é assim?
- Um instinto como outro qualquer. Nem se preocupe. É como hoje que posso, numa penada, abrir uma Caixa Econômica e tomar dinheiro da burguesia renitente. Essa guerra nos deixou em buracos.
- Às vezes penso, e isso é quase sempre, porém, quase sempre erroneamente, que me impede de apreciar a canção, pois aquela respiração incomoda... outras vezes parece-me que me ajuda a compreendê-la melhor. Isso também é coisa do instinto?
- Muitas pessoas sentem o mesmo – falou Pedro e dono de uma convicção aterrorizante, cofiando a barba que havia colocado de molho, logo após a saída dos dois banqueiros e o Brasil Império mergulhado em dívidas e escravos.
- Ainda acho que é simples retirar as tais respirações e acabar com esse dilema.
- Se fosse assim tão simples, seria feito sistematicamente. E não acredito que em meio ao século 19 tais cousas sejam possíveis, desculpe-me.
- Bastam cinco minutos, disseram-me. Você pode... Vossa Majestade pode não acreditar mas os exegetas assim disseram e olha que eles não tiram a orelha daqueles aparelhos de áudio... Não sei se é verdade.
- Quem disse? Graham Bell? Eu conheço essa pessoa. Uma inspiração normal possui uma riqueza harmônica, stradivárica, eu diria, se fosse outra pessoa, mas como não sou outra pessoa, eu diria amatiana, muito superior ao que se julga, quero crer.
- Não sei se foi o Bell... o que ele disse... e o que ele é, em enfim? Parece que com as outras pessoas sucede o mesmo.
- Bell é inventor... é dele a idéia de se badalar sinos no Natal, por exemplo. Ele tem uma barba igual à minha. Garanto-te que sim. Toda a gente se habitua com aquela barba, desde que ela não se deposite no prato de sopa. Mas Bell é boa pessoa... atualmente se dedica a falar muito alto para que se ouça do outro lado do muro. Só não gosto do monte de migalhas de pão que ele deixa dormindo nos recôncavos daqueles pelos durante meses.
- Sei... sei... Já conheço as alturas em que se vai ouvir as falas e imagino como será com a respiração. Um suga-empurra... Estou à espera, mas sempre desejando que o momento passe. É uma tortura. Os exegetas dizem que isso é a prova do nosso amor por Caetano.
- Pode ser... mas essa coisa de respirar e expirar e inspirar... ninguém ligava, quando se falava no aparelho de Bell. Não se pode evitar, mas fala baixo nesse negócio de amor por Caetano... sabe como é a imprensa... Não se pode admitir, nem eliminar. Não se pode ignorar que ela, a respiração de Caetano, está lá.
- Escuto a canção, todos os dias, é um vício, e é como se as inspirações fizessem parte da canção. Inspira, uma sucção, expira, um empuxo e as notas se harmonizam... será assim?
- Há aqueles que conseguem evitar prestar atenção – disse Pedro com ar resoluto e dando a impressão de acabar com aquela conversa, - mas são muito poucos, acredite. Aceita um café? É da Colômbia... O melhor moka que existe.
- Não obrigado. Se fosse uma coisa simples de suprimir, os exegetas dizem que é, não se escutaria a respiração, teimo nesse ponto. As respirações terão valor estético? Mas não

pode ser tão complicado como isso, pois não?

- Não é fácil, as questões de estética, para mim, ainda se baseiam em Spinoza e não posso ir além... no entanto há o Método do René... isso levanta numerosos problemas.
- Tá. Tenho que aceitar essa idéia... Acabo por bem me afeiçoar àquele ruído característico e muitas vezes ficar dependente dele.
- Olha! As palmas das tuas mãos parecem cobertas de aljófar dourado, nem por isso tu ficarás a beber pétala por pétala das flores de teu jardim, não é mesmo? A sombra mesma que a curva do maxilar desenha, penso eu, é similar à implacável brancura pobre, mas que revela à língua, suavidades infinitas – disse Pedro de Alcântara – e nisso está o segredo das harmonias.
- Concordo. Não queria que o eliminassem, hoje sei disso claramente, mas pergunto-me se poderia ou não ser eliminado.
- As pessoas habituam-se. E há os exegetas, como tu dizes, não é?
- É um ruído característico...
- Agora basta...
- ...nem agradável nem desagradável.
- Já disse que chega e tu destróis a minha santa majestade com essas esquisitices.
- É difícil deixar de reparar nele. Desculpa por repetir, mas, alguns, conseguem-no, isso é verdade.
- Muito bem, seja tu mesmo “alguns”...então, tudo somado, prefiro assim. Não me incomoda. Deixa estar.
- Faz parte da canção.
- Exato. Acho até que estranharia escutar a canção sem as inspirações, algo distante, muito artificial, sem as expirações, mas sobretudo as inspirações, que são parte inalterável do momento criador, quando pneuma insufla-se no barro, pois claro, que são as que se ouvem melhor e têm melhor valor construtivo
- As pessoas já contam com isso.
- Aliás – concluiu Pedro levantando-se - , o próprio canto não é mais que uma longa expiração, não acha? O som é o acidente.
- É... Para quê mudar?
- Isso. Não faço de propósito, mas preciso sair. Há reuniões cacetes para esta tarde, entre Ministros e Deputados, e meu tempo voa.
- Acabo por reparar. O tempo voa.

### **Dia quatorze, e as flores migram**

MUITO NOBRE, SEMPRE LEAL E INVICTA: O povo da Cultura fez novamente das suas. Outra explicação não existe. Eles são ímpares. Recorrendo às artimanhas às baiagens que vem produzindo pelos espaços e tempos, que assimilou da oficina em artes de camaleão e transformação de pele e cara (double-face) que frequentou há um par de anos, criou um símile, um similar, um simulacro de ser humano, criou um tipo que parece a si mesmo (a), por exemplo, em se tratando de Chefe do departamento, de tipo “fenício” (como se diz hoje em dia, creia), aloirada, de estatura média, e mostrou-lhe o caminho de São José do Rio Pardo, cidade que a nossa esfera de influências não costuma abranger, pois lá tem muita subida e descida, além de ter Deputado Federal à disposição... além de um satélite em deputancia Estadual. Como compreender, sem postular a existência de espiões de barro assoprado, crias de lama recém criadas, como por exemplo o coitado do pseudo-dançarino que queria montar musicais sem saber do

que trata o assunto, um ser meio fictício meio real habitante da Mocoquinha que tendo trabalhado com grandes nomes na capital (sic), veio para o interior trazer a sua arte e blá-blá-blá, a profusão de pormenores que foi capaz de transmitir sobre obras alheias, onde nunca nenhum de deles pôs o pé? A Chefe de Departamento não frequenta teatro e é dirigente cultural. A Tal não consegue escrever meras linhas de um projeto e programa – sempre tendo que copiar o que o Mestre, inadvertidamente lhe põe à mesa – , mas não é só ela. Cópia de projeto a Bruxa do Cabelo Vermelho também faz. Tal bruxa vive com um monge do Tibet que viaja sempre para Ribeirão Preto. Ele faz a parte do cajado na ascensão da kundalini lá da Bruxa. Das escadarias da livraria aos cães ferozes de Arceburgo que um dia foram trocados por Sírios, está lá tudo. Mesmo as dúvidas e as dívidas que ficaram por esclarecer têm o esplendor da verossimilhança. E as pessoas? LaBacci, Rodrigo, Guito, Cabelo, entre outros, inclusive o neo-apóstolo Marcos Madeira, o Campanhã... Quem, senão uma testemunha presencial, eu mesmo, pilotando as lâmpadas, seria capaz de se aventurar num tal rol de observações sobre tantas pessoas de cuja existência real eu nunca me permitiria duvidar? Eles estavam lá, cantando e dançando...

(Sim, porque este inventor de modas, dançarino das arábias, produtor de araque, num rasgo de zelo e ciúme excessivo, pretende mesmo ter assistido à nossa versão de Jesus Cristo Superstar, nada menos do que JCS em português e novos arranjos, e isso, vejam todos, só pode ser um tremendo deslante e eu querendo lhe dar um transplante de cérebro, menos obtuso e mais franqueisteniano do que Maey Shelley.)

#### **Dia quinze, de ficção científica e nua**

SUSPENSÃO DA INCREDELIDADE: Ele, caindo de sono e decisão, voltou de novo, sem se importar com que diziam, o rosto para a luz, muito diáfano a luz, preciosa porém de uma liquescência domesticada, mostrando nome, cor, fisionomia, e dor, mas sem brandir a clava.

Os mistérios estão pequenos e grandes, por outro prisma: E tudo, com a quantidade de tudo que isso permitir, muito de repente, mas apenas na metade penumbrosa, obumbrosa, nebulosa do rosto, se transformou em ficção, ao som de viola d'amore, senza rittornello. E, repito, num estrépito claudicante, somos todos republicanos e não importa o país: Lido no cabeçalho de impotentes parlamentares, de hoje, de ontem e de sempre: Jagunços armados caçam comunistas, descontrolados controladores de moral batem em feministas, surpreendentes capitalistas destruidores da hileia comem ecologistas e, mais os republicanos formam o "Movimento popular contra a burrice no governo e contra a lavagem das almas", que marcou já dois desfiles de protesto em campos hipnóticos de Mococa e vales da amnésia Arceburguense, e rios de tolices dos Zé do Pardo, do João da Boa Vista entre tantos. Amanhã, às 20:30 locais, as turmas de organizações que compõem este grupo desfilarão a partir da cidade Milagres, do centro da cidade para o Universo. A contestação do que consideram ser um "espetáculo grotesco e muito mal ensaiado" e um "desperdício de dinheiro" continuará no dia do tal show em que se recebera o FALA MANSA para uns acordes em praça pública: o alcaide troca um projeto de Cultura por um Espectáculo e ainda acha isso muito normal, lá de acordo com o senso dele, prejudicado e mambembe. Ele, alcaide, diz que não tem dinheiro e, pelo jeito, nem senso de coerência ele tem. Este mesmo alcaide, Aparecido, assina em 1997 uma Lei de Incentivo Cultural, ou melhor, sanciona a lei, pois na época o indigitado senhor era presidente da Câmara Venerando. Na época o alcaide era

parlamentar e queria forçar o alcaide daquele momento, pessoa de má memória, a executar uma lei que favorecesse o fazer cultural. Hoje, Aparecido, alcaide, soberano-mor da cidade faz-se de surdo e não executa a tal da Lei que ele mesmo sancionou. No entanto, para exibições pirotécnicas e circenses, que é o que há de mais parecido com as coisa dos aparecidos e aparecidas, a Banda Philharmônica, desencontrada e distraída, fingirá tocar dobrados e na verdade, cortará um dobrado daqueles, com direito a mandar o seu maestro desentupir as coronárias. Cateter nele! Os manifestantes iniciarão um novo desfile "com música", em torno da praça da Matriz, ao som de bombardinos e sacabuxas não-domesticados. Ao mesmo tempo que decorrerá o banquete de famintos da razão, veremos o povo, daninho sobre si mesmo, gritar loas ao pré-feito, dito um dos filhotes do padre-prefeito que sambou sua batina na cidade por uns tempos.

### **Dia dezesseis, por quem os sinos cobram?**

Há tantas palavras no mundo que podemos, durante mais uns cem anos repeti-las todas para as novas gerações e elas nunca perceberão de onde vieram. Canção da cidade: Deveria ter alguma. Talvez haja. Águas da Cidade, do Zamarian, Kico. Aquilo que mete medo não é uma conspiração à escala da cidade que vise a tomada do poder, pois isso é besteira e perderemos nosso tempo em tomar destas cousas já perdidas e viciadas... ou a subversão dos valores instituídos, que é cousa mais legal de se tomar ou entornar ou torcer, pois os moralistas de plantão ficam atiçados e rasgam as roupas (adoram um desnudamento, na verdade). Aquilo que mete medo (e, ao dizer isto, ele arrancou a camisa pela cabeça, com um movimento de raiva) é uma conspiração cujos objetivos se limitam a manter os podres apodrescendo, em nome de valores maiores, mas tais valores não existem. Fazemos valores a todo momento e tais valores se resumem manter a vida em drama constante, ou seja ação; sem contrariar as leis nem o quotidiano, não tem a mínima graça; um conluio em que juntam clérigos, beatos, políticos, todos dotados de ramificações infundáveis, protegidos por ferocíssimos ritos e aparatos de controle, complexos tabus, manhosos testas-de-ferro, laranjas, tolos que defendem o interesse dos outros, mas que se limitam a existir, sem alardes, mas amplos em proselitismo. Dela, dessa falta de vergonha na cara, essa palidez moral onde vereadores e políticos da cidade são a imagem mais clara e pronta, a sociedade nada tem que temer pois a sociedade os ampara e alimenta, tanto mais que a sociedade e a conspiração se confundem: são mais numerosos os asseclas, pois estão dentro do que os contestadores, pois estão fora. Quero ver quando estiverem dentro. Resta a minoria dos que aceitam o vexame, carregam uma bandeira rota, gritam aos quatro costados que detêm a esperança: *Lasciate ogni speranza, vuoi que entrate: percorrem as ruas assumindo a pose dos que têm algo para esconder, mas são pobres de pensamento, e a cor vermelha desmaia nas calçadas, enterrada e sepulta, entre ossos de chupins. Entram em cena os sabujos e a grande manifestação da peça de teatro já se havia dado na última campanha para deputados estadual (2002), quando os conspiradores, alvoroçados pelo caminho aberto pelo Mestre, foram quais chacais a se lambuzar na carniça, fazem questão em tomar, cumprir cada gesto com precisão muscular, e com uma cara dura que o tempo acolhe sem medir.*

---

# ATUALIZAÇÃO INDÚSTRIA DO VÍDEO

---

produção P / direção D / edição E / trilha T/ narração N / atuação A / roteiro R

---

## 1997

Estabelecimento da Indústria do Vídeo - Julho

"SONHOS"(media metragem), de Jorge Luis Borges - P/D/E/R, Dezembro.

## 1998

**I Mostra de Vídeo (Curtas e Médias), P, Mococa – Janeiro.**

"PROMETEU", D/P, Abril.

"O CASARÃO AMARELO"(curta), de Coelho De Moraes - P/D/E/R, entre Setembro e Dezembro.

## 1999

**II Mostra de Vídeo (Curtas e Médias), P, Mococa – Janeiro**

"O ZELADOR "(curta) , de Coelho De Moraes, P/D/E/R, Março e Abril.

"AS BRUXAS"(curta), autores variados, P/D/E/R, Maio.

"O ZELADOR II"(curta), de Coelho De Moraes, P/D/E/R, Junho.

## 2000

A TESTEMUNHA (curta), de Sergio Spina, A, Março

## 2001

**III Mostra de Vídeo, P, Mococa - Março**

"SANTIFICAR AS FESTAS"(curta), P/D/E/R, Março.

"COMPUTA, COMPUTADOR, COMPUTA" (media), de Millor Fernandes, P/D/E, Junho.

## 2002

O SANTO INQUÉRITO,(media) Dias Gomes, P/D/E/, Maio

O HOMEM DO PRINCÍPIO AO FIM,(media) Millor Fernandes, P/D/E, Junho

AUTO DA BARCA DO INFERNO,(media) Gil Vicente, P/D/E, Julho

SITIADOS (curta), de Julio Cortazar - P/D/E/R, Julho

## 2003

RAMA & SITA,(media) P/D/E/R, Maio

ATEUS, VAGABUNDOS E LOUCOS, (media),Gordo Netto, P/D/E, Maio

## 2004

A LIÇÃO, (media), Ionesco, P/D/E, Outubro

## 2005

**MOSTRA UNIOESTE DE VIDEO, com O FIM, Setembro**

DIÁLOGOS, (curta), P/D/E/T/R, Setembro

Projeto VÍDEO\_VESTIBULAR, fase um - de Setembro a Dezembro

## 2006

Projeto VÍDEO\_VESTIBULAR, fase dois - de Janeiro a Setembro

BUFUNFA NO MUNDO DAS CORES, (curta), de Daniel Azulay, P/D/E/N, Janeiro

MISSA DO GALO, (curta), de Machado de Assis, P/D/E/R, Janeiro

LEITURAS E VISÕES,(doc) sobre Mario Quintana, P/D/E/R, Janeiro

INSÔNIA, (curta), de Graciliano Ramos, P/D/E/N/R, Março

**MOSTRA UNIOESTE DE VIDEO, várias obras em horário especial, Março**

IRA,(doc) de Guilherme Giordano, P/E/N, video para TV, Abril

CERTA ENTIDADE , (curta), de Qorpo Santo, P/D/E/R, Julho

---

REINO FRANCO, (doc) de Guilherme Giordano, P/E, Maio  
 LEPHANTE, animação, de Coelho De Moraes, (curta), P/D/E/R, Julho  
 ENSAIOS SOBRE A MORTE, (curta), de Allen, Millôr e Fraga, P/D/E/N/R, Agosto  
 O DUENDE DA MARCIA, animação, de Coelho De Moraes, (curta), P/D/E/N, Setembro  
 ENCONTROS E DESENCONTROS, (curta), de David Ives e Coelho De Moraes, P/D/E/R -  
 Novembro  
 QUEM TEM BOCA NÃO MANDA ASSOPRAR, (curta), de Artur Azevedo, P/D/E/R, ,  
 Novembro

### 2007

A CASA, (curta), de Jorge Luis Borges, P/D/E/N/R - Janeiro  
 LEITURAS E VISÕES (doc), sobre Getúlio Cardoso, P/T/D/E/R - Junho  
 EDEN, (curta), um estudo, texto coletivo /P/D/E/T - Julho  
 ENIGMAS? (curta), de Coelho De Moraes /P/D/E/T/R - Outubro  
 O MOCHILEIRO, (curta), de Coelho De Moraes /D/E/P/R - Novembro

### 2008

“A MÁQUINA DO BEM E DO MAL”, (curta), de Rodolpho Walsh, P/D/E/R,  
 reedição Fevereiro  
 A CARTOMANTE, (curta), de Machado de Assis - P/D/E/T/R - Maio  
 LEITURAS E VISÕES, (doc) sobre Affonso Romano de Sant’Anna - P/D/E/R, Junho  
 AS ESPOSAS DE LOVBORG, (curta), de Woody Allen, P/D/E/R - Junho

### I FESTIVAL RATOEIRA - Ulrica e Interferências - selecionados - RJ - Julho

O MENINO DA BOLINHA AMARELA, de Rafael de Souza, - (curta), D/E/A/P - Julho  
 UM OLHAR SOBRE CAPITU, de Bruna Freire, sobre Machado de Assis (media) -  
 D/E/P/A/T - Setembro  
 NA PELE DE SÓCRATES, (curta), de Woody Allen, P/D/E/R Novembro.

INTERFERÊNCIAS” (curta, REGRAVAÇÃO), P/D/E/R, Vídeo - DEZEMBRO

### 2009

HONRAR PAI E MÃE (curta) - D/E/P/R - Janeiro

NOTÍCIAS DO FUTURO (curta), - P / D / E / T / A / R - Abril  
 O FANTASMA DA CASA VELHA (media metragem) - P / D / E / T / A / R - Maio  
 O LOBO E O CORDEIRO (curta), La Fontaine - P / D / E / T / R / - Agosto  
 DANAÇÕES (curta), sobre Carlos Nejar, - P / D / E / A / R / T - Setembro  
 DUDU, O CANALHA, de Nelson Rodrigues - P / D / E / R / T - Outubro  
 OSWALD DE ANDRADE, videopoesia sobre a obra do poeta - P/D/E/R/T - Novembro

### 2010

O LEÃO E O MOCHO (curta), P / D / E / A / T - Janeiro  
 A MENSAGEM DE SILENO (curta), P / D / E / T - Julho

## A ESCOLA DE SAMBA

---

2009, MARÇO.

Passado o carnaval e toda a ufanía obrigatória resta alguma coisa para reflexão.

As Escolas de Samba não têm o nome de Escola à toa. Devem ensinar e produzir sambas. Não é o que acontece em Mococa. Temos sim, modernizados, cordões e blocos. Bloco carnavalesco como um conjunto de pessoas que desfilam no Carnaval de forma semi-organizada, muitas vezes trajando mesma fantasia, ou vestidas do modo que mais lhes agradar. Conseguimos observar essa característica em muitas alas do último desfile. Dos Cordões: o fato de ser formado por grupos de foliões mascarados com feições de velhos, palhaços, diabos, reis, rainhas, índios, baianas, entre outros, conduzidos por um mestre obedecendo a um apito de comando. Seu conjunto instrumental costumava ser exclusivamete de percussão. E seguem outros detalhes e semelhanças.

O Carnaval de Mococa funde as três vertentes. Para ser Escola de Samba há que evoluir, não só na avenida mas também na conduta e no aprendizado do samba, principalmente.

As Escolas tradicionais do país começam imediatamente – março – e se preparam para 2010. É isso o que acontece por aqui? Não. Quem é que ensina o samba? Ninguém. Uma possibilidade seria criar, de raiz, uma fonte de futuras tradições, e, nas Escolas comuns. A estória a ser contada, a música a ser criada, as fantasias e ensaios poderiam surgir desde o ensino fundamental, ao longo de todo ano, para desaguar na avenida em 2010. É tomo de pesquisa da contribuição africana ao Brasil. Surgiriam aí tantas “escolinhas de samba” quanto escolas tivermos na cidade. Ou seja, um processo de plantar um Carnaval sustentável.

No início podemos importar o saber das Escolas de São Paulo. Algumas têm projeto para isso.

Do jeito que é e está o Carnaval de Mococa sempre ficará à mercê dos foliões que moram fora; quando puderem, aparecerão na data marcada para desfilarem o mesmo de sempre, com os mesmos tropeços. E, por falar em tropeço, no geral, há um cantor principal - o tal puxador, termo que Jamelão nunca gostou de usar, pois para ele quem puxa puxa carro – então há o interprete principal, e, outros de apoio, em função do possível cansaço do primeiro e uma ou outra pequena harmonia. O que ouvi foi que em vez de dar apoio ao cantor, os tais “apoiadores” estavam atrapalhando o canto principal. É necessário afinação e noção espacial.

Sonhar com a coisa é uma coisa. Saber fazer é outra. Querer fazer e atrapalhar é crime. Harmonia, no samba-enrêdo, deve ajudar e não atrapalhar. Há que se atentar para isso.

Além disso é necessário sambar, não marchar. Os desfiles parecem aos de 7 de setembro com a diferença de que os braços ficam abertos como se pedissem alguma coisa ou oferecessem a alegria plástica e sorridente com data marcada - é um vício de interpretação de quem canta ou está no “samba usando paraquedas de griffe”. Pouca gente mostra que tem samba para demonstrar.

É isso. Nem é preciso dizer que são avaliações críticas positivas.

Deixo votos de sucesso, vida longa e prosperidade.

Boa Semana.

## CULTURA POLUI II

---

Convenhamos. Isso demonstra como funcionam os objetos que chamamos de “as coisas” e que seguem o PADRÃO. Quando você foge do padrão, as pessoas caem de pau em você.

Transfiramos a abordagem para o teatro que queremos, por exemplo, ou que desejamos ou que sonhamos. Posso fazer o mesmo com a música. Música moderna ou contemporânea. Enquanto meu CD de Natal sempre vende muito todo ano (padrão) as minhas obras contemporâneas nada vendem nada. Será que é aí que falamos de arte e comercio?

Que peça fará sucesso? De que jeito essa peça fará sucesso. Quanta mídia devo comprar – TV, rádio, jornal – já com suas boas resenhas, pois tudo é comprar algo e já se pede o que quer. Não há, em Mococa, crítica espontânea. Será que não há um meio de nada comprar para criar a arte? E para isso há regras e normas e leis. Fazendo assim o público virá? Fazendo assado não vem mais? Mas e o público acomodado que não sai do lugar? Por que devo contar tudo de 30 em 30 dias se levo 146 dias para compor uma obra musical? Então não é possível experimentar? Não!

Mas o experimento é a fonte do trabalho bem acabado.

E se eu só quiser experimentar? Talvez não tenha público durante muito tempo, pois o povo deseja ver aquilo que não os pegue de surpresa. Se Deus aparecesse em forma de cubo ninguém acreditaria. O povo – essa entidade leiloada e usada por todos - é comodistas e meio burro. Símbolos passam batido pela maioria. A maioria deseja tudo bem mastigadinho.

Será que podemos sair dos formatos de sempre já que sempre houve mudanças nos formatos do teatro / da música / do cinema / ao longo dos séculos ou essa mudança é tão lenta que ninguém percebe?

Hoje, quando a busca do exótico beira a loucura talvez os deuses do dinheiro permitam que novas imagens subam a palco. Plutões, donos do capital, novos deuses, que se alimentam de novas almas para almoçarem e elevarem os pontos do ibope logo que são humilhados começam a lucrar. Mas, enquanto isso, artistas, prevejo que devemos urdir na noite o que e como deve ser o futuro. Podemos errar e assim somos nós.

Pensem sobre isso. Mas, não se iluda, somos só nós os que havemos de pensar. O resto do mundo pensa em mais nada. Vive de inércia, dentro de um padrão pré-estabelecido. Uma bola de neve que espera o poste.

Mesmo que vivamos esse padrão em muita coisa que fazemos, também fazemos a diferença por que rompemos o padrão. E, essa diferença não quer dizer que seja para melhor. Pode ser a diferença que esculhamba o normal – padrão – do dia a dia; e as pessoas não querem saber desses caras. Vide Jesus. Independente de ser ou não filho de Deus - provavelmente não – ele escangalhou – tirou a cangalha, a opressão, tirou o jugo – das autoridades locais e foi parar aonde?

Todo mundo fala nele e ninguém segue nenhum dos seus ensinamentos e preceitos – sepulcros caiados, a bem dizer. Se assim fosse a sociedade – como é, e não digo que seja coisa boa. Talvez fosse esta verdade cristã – escangalhar a sociedade da época e de hoje, desconstruir a mundo. Mas quem quer isso se todos são seguidores de Caifás?

Ninguém há de lucrar, esta a palavra de ordem. Ninguém há de lucrar com a realidade - vender pedaços de realidade. O problema é que há um clube comercial; mantêm a pose e se chamam paróquia. Beatos e bentos. Eleitos e fiéis. Mantenedoras da ordem.

O artista não faz isso. Nem deve. Deve ficar livre. Manter o processo crítico.

Já pensou? Sai pra rua com 12 caras sem lar ou dinheiro, pregando aqui e ali, e vê no que dá. Vamos ver se é possível uma Igreja pura que não cobre dízimos; de que seus representantes sejam maltrapilhos e nem usem roupa de grife; vamos ver quem é que vai querer receber conselhos de uns caras desses? Quem é que se dispõe à cruz, desta vez? Utopias. Mentiras ditas mil vezes.

Na verdade foram valores usados por inescrupulosos que montaram suas igrejas e clubinhos religiosos munidos de CNPJ pago em dia a aproveitaram da carência afetiva de cada pessoa. Peixes que caíram nas redes.

Sempre digo quem quando o dia 21 de dezembro de 2012 chegar e a eletricidade for pro beleléu, nós os artistas não teremos nada a perder. Teatro não precisa de iluminação especial e pode ser feito na rua – já um autorama ou um microfone de lapela não funciona mais. Teatro pobre! O ator e mais nada.

Música: Nem se precisa de instrumento. Canto ou assobio. Mas se quiser faço uma flauta de bambu ou bumbo dionisíaco ou lira orfeica e pronto. Já a fábrica de lata ou gelatina, elas precisam de energia para gastar e poluir e impactar a natureza em nome do progresso. Então elas pararão de funcionar.

Escrita: Papel reciclado e tinta natural, como era dantes na casa de Abrantes. Ou escreverei com barro ou merda – seguindo o Marques de Sade – nas paredes das ruínas.

Acredito que merda sempre existirá. Rembrandt fazia sua própria tinta. Agora, as usinas de produção de gasolina precisam de eletricidade, diesel, energia nuclear. Ou param.

E, é claro, tais indústrias precisam de seus escravos para o trabalho. Herdeiros dos faraós embalsamados, como diz o poeta.

Enfim. A arte não para.

Quando não nos deixam falar inventamos um blog ou gritamos na rua.

Acabou a eletricidade e acabou o blog? Sobe-se no palco ou se faz teatro de rua.

Mambembes. O diferencial é ir atrás do auto-falante: teatro, música, vídeo... são as armas. Mesmo assim muita vez nos desconvidam pela impertinência. Nossa expressão corporal na rua (pose?) é nossa arma e bandeira fincada no solo. Jesus era impertinente e chatonildo. Nossa cabeça erguida pode ser arrogância – e nada mais é do que uma maneira de olhar mais longe. Ser pregado na crua e não dizer um Ai! ofende os poderosos.

Mas, será esse mesmo o caso. Fazer arte e vender e sofrer se não compram? Cada um compra o que quiser.

E pra que servirá tudo isso se não passa de mera arte?

Ars gratia Ars.

Lembro de aulas de psicologia quando concluímos, friamente, da insignificância do artista. É isso. Somos completamente insignificantes até o momento em que balimos iguais a sertanejos fingindo cantar; ou choramos na novela das seis por causa da menina com leucemia; ou se fazemos o Analista de Bagé no teatro, com casa cheia. Aí nos tornamos valores.

Tornamo-nos dinheiro viável. Potencial de lucro.

Por isso estou fazendo Filosofia. Quero entrar numa sala de aula com 45 alunos para escangalhar 45 cabeças de uma vez.

EDITORA ALTERNATIVAMENTE